



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO CAPANEMA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**DAMARIS DA SILVA MATOS**

**IDENTIDADE DAS CRIANÇAS QUILOMBOLAS NA COMUNIDADE DE BELA  
AURORA NO NORDESTE DO PARÁ**

**CAPANEMA**

**2022**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO CAPANEMA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DAMARIS DA SILVA MATOS

CAPANEMA  
2022

DAMARIS DA SILVA MATOS

**IDENTIDADE DAS CRIANÇAS QUILOMBOLAS NA COMUNIDADE DE BELA  
AURORA NO NORDESTE DO PARÁ**

Trabalho de Conclusão de Cursos  
apresentado ao Curso de Licenciatura  
Plena em Pedagogia da Faculdade de  
Educação, Campus Universitário de  
Bragança como requisito.

Orientadora: Profa. Dra. Raquel Amorim  
dos Santos.

**CAPANEMA-PA  
2022**

DAMARIS DA SILVA MATOS

**IDENTIDADE DAS CRIANÇAS QUILOMBOLAS NA COMUNIDADE DE BELA  
AURORA NO NORDESTE DO PARÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciado em Pedagogia pela Universidade Federa do Pará, Campus Universitário de Bragança, Faculdade de Educação.

APROVADO EM:

CONCEITO:

BANCA AVALIADORA

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Raquel Amorim dos Santos

Orientadora – Universidade Federa do Pará – UFPA

---

Avaliadora Interno – Universidade Federal do Pará – UFPA

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ana Paula Vieira e Souza

---

Avaliadora Externo – Universidade Federal do Para – UFPA

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Simeí Santos Andrade

Dedico este trabalho à minha família, que sempre estiveram comigo acreditando no meu sonho e fazendo o possível para se tornar realidade.

## AGRADECIMENTOS

Agradecer esse momento de Conclusão deste estudo representa uma conquista que sem dúvidas não é só minha, pois ao meu lado existe pessoas extraordinárias que permaneceram comigo até aqui. Fazer esse sonho se tornar realidade, não seria possível se cada uma delas não tivesse me incentivado a permanecer firme, nessa caminhada. Gostaria de agradecer aqueles que todos os dias quando eu pensava em desistir, continuavam me fortalecendo.

A minha querida orientadora Profa. Dra. *Raquel Amorim dos Santos*, pela sua competência, dedicação, paciência e leveza na condução desse trabalho que proporcionou a realização da pesquisa e a ampliação dos estudos sobre a identidade de crianças negras a partir da vivência no quilombo de Bela Aurora. Gratidão!

Agradeço aos meus avos, *Maria Matos* e *José Matos*, minha avó foi e é minha grande inspiração, primeiro como mulher quilombola, segundo como uma grande profissional comprometida com a educação que passou 26 anos atuando em sala de aula enfrentando as diversas dificuldades, meu avô sempre muito protetor, a primeira vez que eu entrei pelo portão da Universidade ele estava lá comigo, os dois são fundamentais na minha vida.

Aos meus familiares, meu pai *Juceni Matos* e *Maria Silva*, que sempre acreditaram que no meu potencial e me incentivaram, meus irmãos, *Jorge Matos*, *Daniel Matos*, e em especial minha irmã Samara Matos que sempre esteve comigo em todos os momentos da minha vida.

As minhas primas *Daise Matos*, *Cintia Matos* por todo o suporte oferecido pelas vezes que precisei, assim como meu companheiro *Valterbi Oliveira*, que durante esse tempo compartilha dos mesmos sonhos que eu, que me deu suporte e muita força para continuar meus estudos, sempre me incentivando, e mesmo distante cuidou tão bem da nossa filha Ana Cecília.

A minha querida e amada filha *Ana Cecília* pelo companheirismo, pois longe dos nossos familiares a única companhia que tínhamos era uma a outra.

Aos amigos que conquistei dentro da Universidade, *Fernanda Marcela*, *Ila Naiara*, *Meyre Aviz*, *Rosiane Gaspar* e *Lana Maylane* por todas as aflições, alegrias.

Aos *docentes* da Universidade Federal do Pará Campus Universitário Capanema por todos os conhecimentos ensinados no Curso de Licenciatura em Pedagogia, pelo seu comprometimento com a área educacional e por nos proporcionar momentos de debate diversos sobre a Educação.

À Universidade Federal do Pará, por ser um espaço que possibilita formar profissionais que futuramente irão atuar em diversas áreas, com responsabilidade e ética.

Ao Núcleo de Estudos e Pesquisas Afro-Brasileiros (NEAB/UFPA) pelos conhecimentos partilhados sobre as Infâncias Amazônicas e Relações Étnico-Raciais, em especial: Profa. Dra. Raquel Amorim e a Profa. Dra. Ana Paula Vieira.

Ao meu Quilombo Bela Aurora, por sempre me apoiarem nas ações desenvolvidas dentro do quilombo, sou imensamente grata vocês.

Por fim a Deus, por ter me permitido tempo e sabedoria e sustento espiritual para chegar até aqui, pois foram dias de angústia longe dos meus familiares.

## RESUMO

O estudo analisa a identidade de crianças quilombolas na comunidade de Bela Aurora no Nordeste do Pará. As infâncias quilombolas são vivenciadas por práticas históricas e socioculturais, relacionadas a preservação da memória, das festividades, da religiosidade em que as crianças participam no seu território pois tem, conquistado direitos e cada vez mais tem mostrado que a criança também é construtora de cultura e de conhecimento, por esse motivo deve ser valorizada e respeitada. O referencial teórico baseia-se em Mary Del Priore, Philippe Aries, Simeir Andrade e Juliana Linhares. Para a discussão sobre identidade o referencial teórico baseou-se nas discussões de Nilma Gomes, Stuart Hall e Sheilla Zillane Almeida. O estudo é de abordagem qualitativa, com foco na pesquisa etnográfica. O método deu-se através da observação participante, rodas de conversa e grupo focal com base nas considerações de Bernadete Gatti. Para analisar os discursos das crianças o estudo baseou-se Mikhail Bakhtin a partir do conceito de dialogismo e polifonia. Os resultados do estudo revelam como as crianças do quilombo de Bela Aurora constroem suas identidades dentro do seu território. As relações estabelecidas entre elas são formadas por meio da natureza e sua cultura a partir daí, constroem e afirmam a identidade enquanto crianças quilombolas, pois as identidades não se constroem no isolamento, ou seja, precisa de interação entre o meio sociocultural. Logo, a identidade não é estável, sempre está em constante transformação. Conclui que a identidade das crianças do quilombo de Bela Aurora é formada por meio dos aspectos socioculturais ligados os saberes dos seus ancestrais, assim como os elementos naturais que o território oferece como o rio Gurupi.

**Palavras-chave:** Infância, Identidade negra, Quilombo.

## ABSTRACT

This study analyzes the identity of quilombola children in the community of Bela Aurora in Northeastern of Pará. The quilombola childhoods are experienced by historical and sociocultural practices, related to the preservation of memory, festivities, and religiosity in which the children participate in their territory because they have conquered rights and have increasingly shown that the child is also a builder of culture and knowledge, and for this reason should be valued and respected. The theoretical framework is based on Mary Del Priore, Philippe Aries, Simei Andrade and Juliana Linhares. For the discussion about identity, the theoretical reference was based on the discussions of Nilma Gomes, Stuart Hall and Sheilla Zillane Almeida. The study has a qualitative approach, with a focus on ethnographic research. The method was carried out through participant observation, conversation groups and focus groups based on Bernadete Gatti's considerations. To analyze the children's speeches, the study was based on Mikhail Bakhtin's concept of dialogism and polyphony. The results of the study reveal how the children of the quilombo of Bela Aurora build their identities within their territory. The relationships established between them are formed through nature and their culture, and from there they build and affirm their identity as quilombola children, since identities are not built-in isolation, in other words, they need interaction between the sociocultural environment. Therefore, identity is not stable, it is always in constant transformation. In conclusion, the identity of the children of the quilombo of Bela Aurora is formed by means of sociocultural aspects linked to the knowledge of their ancestors, as well as the natural elements that the territory offers, such as the Gurupi River.

**Keywords:** Childhood. Black Identity. Quilombo.

## LISTA DE SIGLA

LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
UFPA	Universidade Federal do Pará
PPLSA	Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes da Amazônia
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ECA	ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente
INEP	Instituto Nacional de Estudo e Pesquisa Educacionais Anísio Teixeira
DCNERER	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Localização do quilombo Bela Aurora.....	11
Figura 2	Capa do livro Bucala: a Pequena Princesa do Quilombo Cabula.....	15
Figura 3	Árvore Samaúma.....	16
Figura 4	Lua prateada.....	16
Figura 5	Princesa Bucala.....	16
Figura 6	Pássaro Preto.....	17
Figura 7	Onça Suçuarana.....	17
Figura 8	Capa do livro Bucala: a pequena princesa do Quilombo Cabula.....	26
Figura 9	Mãe d'água.....	29

## LISTA DE QUADRO

Tabela 1	Interlocutores da Pesquisa.....	12
----------	---------------------------------	----

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1	Criança subindo na árvore no rio Gurupi.....	22
Imagem 2	Criança no pulando da árvore no rio Gurupi.....	22
Imagem 3	Cotação da História da Bucala.....	25
Imagem 4	Deusa Celeste.....	29

## DESENHOS

Desenho 1	Mário no balanço da beira do rio Gurupi.....	38
Desenho 2	Isabela olhando a beira do rio Gurupi.....	38
Desenho 3	Beira do rio Gurupi.....	39
Desenho 4	Beira do rio .....	39
Desenho 5	Igreja do Quilombo Bela Aurora.....	40
Desenho 6	Festejo de São Domingos Gusmão.....	41
Desenho 7	Aurora na Igreja de São Domingos.....	42
Desenho 8	Escola do Quilombo Bela Aurora.....	43
Desenho 9	Dança do Carimbó.....	44
Desenho 10	Boiada.....	45

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
2 PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICO DA PESQUISA	21
3 IDENTIDADES ATRIBUÍDAS PELAS CRIANÇAS DO QUILOMBO DE BELA AURORA	30
4 QUILOMBO, TERRITÓRIO E BRINCARES DE CRIANÇAS COMO SÍMBOLOS DE IDENTIDADE	32
4.1 Identidade, imaginário e quilombo	36
4.2 Quilombo, identidade negra e pertencimento: das crianças quilombolas	41
4.3 Ser criança e quilombola	44
4.4 As crianças e o quilombo	48
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS	61
APÊNDICES	65
Bibliografia	66

## INTRODUÇÃO

O estudo analisa os discursos de crianças quilombolas sobre a construção de suas identidades no território em que vivem. Neste lugar, elas criam relações de saberes, costumes ancestrais, com sua cultura e com a natureza, compartilham trajetórias comuns, possuem laços de pertencimento, tradição cultural de valorização dos antepassados calcada numa história identitária comum, entre outros aspectos. Infâncias vividas nos espaços e tempos socioculturais do quilombo, lugar em que aprendem, brincam e se educam.

No Brasil a infância por um longo período foi tratada de maneira irrelevante, no qual a criança tinha seus direitos negados. Segundo Del Priore (2010, p. 26) a criança era obrigada a se adaptar ou então perecer diante das mazelas dos adultos. Tratando-se de crianças negras o sofrimento era maior. Neste sentido, Linhares (2016, p. 34) corrobora que a “[...] educação, brincadeiras, alimentação saudável e direito à saúde era algo que não fazia parte de suas realidades.

A infância historicamente está ligada nas lutas dos seus descendentes para conquistar seus direitos perante as desigualdades existente, onde precisa-se destacar a importância de valorizar as vivências culturais do quilombo, por esse motivo a pesquisa traz os discursos de crianças quilombolas visando contribuir para valorização da identidade da criança negra.

Para Aries (1981, p. 50) “Até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que essa ausência se devesse à incompetência ou à falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo”.

As infâncias, neste contexto histórico são invisibilizadas, silenciadas, infâncias negadas por meio de discursos e práticas imputados na história oficial. Apesar desse silenciamento as crianças sempre se mantiveram firmes e resistiram ao longo do tempo, como mostra a infância da história brasileira, apesar de seus alçozes, da visão autocêntrica, da concepção de tê-las como adulto em miniatura, as crianças demarcam suas particularidades e singularidades de ser crianças, sujeitos de direitos e produtores de culturas e saberes.

Para Corsaro (2011, p. 18) “[...] raramente as crianças são vistas de uma forma que contemple que são crianças com vida em andamento, necessidades e desejos. Na verdade, na vida atual, as necessidades e os desejos das crianças são muitas vezes considerados como causa de preocupação por adultos”. Corsaro (2011) destaca que diante da posição subordinada na sociedade a criança foi marginalizada. Na Sociologia da Infância, portanto, é necessário reverter a fragilidade social no qual a infância carrega, onde toda criança precisa ser ouvida e entendida, valorizando cada um dos seus aspectos socioculturais.

As crianças vivenciam práticas culturais no contexto social, ou seja, na relação com outro sujeito, isso é característico do universo infantil, nesse sentido, as crianças produzem cultura, através da sua imaginação e interações, dessa maneira, dão novas significações no que é produzido pelos adultos (ANDRADE, 2019).

O estudo trata da identidade das crianças do quilombo, neste sentido é importante compreendermos os quilombos que historicamente se tornaram um lugar de refúgio de esperança para os escravizados, onde construíram suas famílias, relações de resistências e de luta, assim como participavam da caça, pesca, plantação de mandioca, frutos, entre outros, criando meios para sua subsistência e produzindo sua cultura, saberes, costumes, valores, fatores esses determinantes para a construção da sua identidade.

O quilombo é resistência, representa um espaço de luta, não somente pela sobrevivência, mas um lugar que luta para ter acesso ao sistema de ensino de saúde (em que não precisem se deslocar para buscar um atendimento eficaz em outra comunidade), de assistência social (que atenda e garanta direitos para crianças, jovens, mulheres, e idosos, direitos esses básicos e necessários para que possam viver dignamente), entre outros.

As infâncias quilombolas são vivenciadas por práticas históricas e socioculturais, relacionadas a preservação da memória, das festividades, da religiosidade em que as crianças participam no seu território e que sempre estão presente na sua vida, por meio de sua ancestralidade, saberes específicos que nem sempre são levados em consideração pelos adultos.

A criança como produtora de cultura precisa ser vista para além daquele sujeito que só brinca e chora, além desses fatores, que fazem parte da construção da infância de toda criança, é dever da sociedade protegê-la, pois as crianças de alguma forma contribuem para a formação da sociedade.

A concepção de criança nesse estudo é concebida como “sujeitos com legitimidade que falam das suas vivências com propriedade” (ANDRADE, 2019, p. 68), buscando entender nos seus discursos o significado atribuído as suas práticas e a cada momento vivido no seu território.

A identidade “[...] não é algo inato. Ela se refere a um modo de ser no mundo e com os outros. É um fator importante na criação das redes de relações e de referências culturais dos grupos sociais”. A identidade, nesse sentido, indica “[...] traços culturais que se expressam através de práticas linguísticas, festivas, rituais, comportamentos alimentares e tradições populares, referências civilizatórias que marcam a condição humana” (GOMES, 2005, p.41).

Para Hall (2006) a identidade centra-se na abordagem de três concepções: sujeito do iluminismo, além do sujeito sociológico e sujeito pós-moderno. O sujeito do iluminismo é definido por ele como aquele que tem ações próprias e que não se deixa levar por influências

do mundo externo, onde o mesmo é “centrado, unificado, dotado das capacidades de razão”, já o sujeito pós-moderno é aquele que lida com situações diversas e que precisa se adequar de maneira específica em cada uma delas ou seja “não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente” (HALL, 2006, p. 12).

Neste sentido, este estudo aproxima-se da concepção do sujeito sociológico por compreender a identidade como uma construção das relações nos espaços de convivência, assim, esse sujeito é formado na relação com outras pessoas, diante disso são construídos valores, sentidos e símbolos que fazem parte da sua cultura.

A construção da identidade é formada por aspectos sociais e cultural autoafirmação com vista a fortalecer cada vez mais a formação da identidade e autonomia das crianças negras. A identidade não é determinada de forma natural, pois é necessária uma relação social e cultural para estabelecer diálogo, posto que, “[...] nenhuma identidade é construída no isolamento” (idem, 2005, p. 41) é fundamental a escola incluir discussões a respeito da história afro-brasileira e africana conforme estabelece a Lei n.º 10.639/2003 que altera a Lei de Diretrizes da educação Nacional (LDB n.º 9.394/96).

A identidade, nesse estudo é compreendida como um processo histórico sociocultural vivenciada pelas crianças quilombolas que diariamente expressam sua cultura a partir de seu cotidiano e de suas vivências, em que constroem suas identidades processualmente considerando o seu pertencimento racial entrelaçado nas suas histórias de vida, que carregam por meio de suas ancestralidades seus costumes e saberes, construídos no meio social, cultural em seu território.

A identidade negra é compreendida, aqui, como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmo, a partir da relação com o outro (GOMES, 2005). Para ela, a identidade vai para além da participação de um grupo, envolve uma série de fatores ligados na história de vida que cada sujeito carrega, a forma de vida levada por cada um é sempre pensada no que carregam de seus ancestrais, tentando preservar o que foi deixado.

É nesse contexto que as crianças do quilombo de Bela Aurora crescem, brincam, criam relações com os mais velhos e com a comunidade e até com o trabalho, onde os saberes são passados de geração em geração, por meio das histórias, memórias, tradições onde as crianças participam como sujeito principal da construção e reconstrução do seu espaço de vivência. Neste sentido, o quilombo como lugar de pertença traz a liberdade, onde as crianças participam da vida na comunidade, do brincar, ir para a escola, no banho do rio, no brincar de bola, no

andar de canoa, pular das árvores no rio, em ajudar os familiares nos afazeres domésticos, o trabalho é presente como princípio educativo. Neste sentido, Frigotto (2009, p. 72) traz o sentido do trabalho como princípio educativo pois “é através dele que o ser humano produz a si mesmo, produz a resposta às necessidades básicas, imperativas, [...], mas também e não separadamente às necessidades sociais, intelectuais, culturais, lúdicas, estéticas, artísticas e afetivas [...]”. É nessa construção onde as crianças do quilombo, crescem e vão mostrando autonomia e segurança.

As crianças do quilombo contribuem por vontade própria com os seus pais, familiares, ou mesmo membros da comunidade em algumas atividades que fazem parte da rotina do quilombo, como a extração do açaí, na casa de forno na hora de fazer a farinha e na pesca, além disso as crianças apresentam o seu lado religioso, participam da catequese, do terço e procissões, das rezas nas casas e na igreja do quilombo, além disso participam do círio das crianças e do festejo do padroeiro da comunidade São Domingos Gusmão.

Nos festejos tradicionais as crianças estão presentes, seja no carimbó, no Bumba meu Boi e em quadrilhas juninas. É por meio dessas relações vão se construindo enquanto sujeitos quilombolas de acordo com os aspectos socioculturais de sua comunidade. A relação das crianças com a natureza é muito forte, estão sempre engajadas nas causas ambientais dentro do quilombo, a responsabilidade com o meio ambiente e com seu território está presente na coleta do lixo reciclável pelas ruas, na confecção de placas de conscientização ambiental, na plantação de mudas de árvores, essa é a maneira de proteção com seu espaço onde habitam.

Abordar sobre a identidade das infâncias quilombolas, é compreender o quilombo como “[...] grupos sociais cuja identidade étnica os distingue do restante da sociedade”. Neste sentido, o que “[...] quando se fala em identidade étnica, trata-se de um processo de auto identificação bastante dinâmico e não se reduz a elementos materiais ou traços biológicos distintivos, como cor da pele [...]” (BRASIL, 2004, p. 9).

Construir uma identidade negra afirmativa em uma sociedade historicamente excludente, que para ser respeitado é necessário negar-se a si mesmo esses são os desafios enfrentados por negros e negras brasileiros (GOMES, 2005). A identidade no Brasil foi construída com base em uma “[...] imagem de uma brasilidade mestiça, culturalmente assimilacionista e politicamente integradora [...]” (SANTOS; SILVA, 2018, p. 259). Neste sentido, a mestiçagem “[...] existente no Brasil não só era descrita como adjetivada, constituindo uma pista para explicar o atraso ou uma possível inviabilidade da nação” (SCHWARCZ, 1993, p. 16).

As lutas dos movimentos negros no decorrer dos anos contribuíram para que os quilombos adquirissem direitos estabelecidos na legislação brasileira, um deles foi a garantia ao acesso à educação que contemple a realidade dos povos quilombolas, mas, nem sempre a história e cultura das comunidades quilombolas são contempladas nas propostas curriculares ou até mesmo no Projeto Político Pedagógico nessas escolas que recebem sujeitos quilombolas.

O interesse pelo tema da pesquisa foi maturado desde o início da Graduação do Curso de Pedagogia pela Universidade Federal do Pará - UFPA, porém a definição aconteceu na Disciplina Fundamentos Teóricos Metodológicos de Educação Infantil<sup>1</sup> que me aproximou de textos, possibilitando uma leitura mais ampla da infância da criança negra. Além disso, participar como membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas Afro-Brasileiros (NEAB/UFPA)<sup>2</sup> possibilitou-me a participação em sessões de estudos e a ampliação do referencial teórico acerca da temática étnico-racial. Outra motivação que levou a escolha pelo tema da pesquisa foi o de pertencer a Comunidade Quilombola de Bela Aurora-PA, onde neste território tenho as melhores lembranças da minha infância, e sobretudo o comprometimento político com o quilombo é o que traz na minha vida acadêmica motivação e determinação para continuar as lutas e resistências.

O tema a identidade da criança quilombola, trouxe para mim reflexões, pois enquanto quilombola, não sabia e não entendia a importância de carregar toda minha ancestralidade, costumes, saberes e valores, onde durante toda minha vida, esses fatores se fizeram presente na construção da minha identidade e por muito tempo passaram-se despercebidos e somente agora no Curso Superior foi possível reconhecer mais sobre esse processo, pois sempre os professores falavam sobre os quilombolas, a partir daí, fui em busca de conhecimento, onde em meus trabalhos científicos de pesquisa de campo, sempre buscava trazer minha comunidade para dentro da sala de aula, meus colegas de turma sem dúvidas, foram primordiais na minha construção, cada debate, comentários de positividade sobre como achavam fascinante o amor que eu transmitia sobre meu lugar e as vivências do meu povo, chegaram de forma positiva na formação da minha própria identidade, fazendo com que cada vez mais, eu buscasse conhecer sobre a minha história e sobre a minha ancestralidade.

Durante minha trajetória escolar, infelizmente nunca foi colocado algo que nos representasse enquanto quilombola, nem mesmo dentro do quilombo, não tenho recordações

---

<sup>1</sup> Disciplina ministrada pela Profa. Dra. Ana Paula Vieira e Souza, Faculdade de Educação – FACED, Campus Universitário de Bragança da Universidade Federal do Pará (UFPA).

<sup>2</sup> O Núcleo tem como Líder a Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Raquel Amorim dos Santos, Faculdade de Pedagogia, Campus Castanhal (FAPED/CUNCAST/UFPA) e Vice-Líder a Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ana Paula Vieira e Souza (FACED/CBRAG/UFPA).

sobre debaterem sobre o “ser quilombola”, talvez seja por isso que meu entendimento sobre o assunto tenha chegado tão tarde. Felizmente cada professor/a que passou durante minha trajetória acadêmica tem contribuição significativa nesse processo de formação da construção positiva de minha identidade enquanto ser mulher, acadêmica e quilombola.

A relevância acadêmica desse estudo se deu a partir de levantamento bibliográfico realizado sobre a identidade de crianças quilombolas nos Trabalhos de Conclusão de Curso da Faculdade de Educação, Faculdade de História e Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia – PPLSA, tendo como recorte temporal o período compreendido entre de 2015 a 2020, período em que se ampliou os estudos, projetos de pesquisa, extensão e a criação do NEAB/UFPA com discussão específicas sobre a temática étnico-racial, além de outros Grupos de Pesquisa que contribuíram para a temática afro-indígena no Campus de Bragança e na Faculdade de Educação.

Na Faculdade de Educação do Campus Universitário de Bragança encontrei um trabalho de conclusão de curso que se aproxima da temática desse estudo, destacando-se: e as “As Representações Sociais de Crianças Negras sobre Relações Raciais”<sup>3</sup>, que investiga a criança negra do contexto escolar, destacando a construção da identidade negra na escola.

Outras pesquisas com temáticas sobre relações étnico-raciais aparecem no campo da Formação de Professores. Os estudos em suas distintas abordagens analisam as Representações Sociais de Professores sobre as Relações Étnico-Raciais na Educação Básica a partir da Formação Continuada da UFPA<sup>4</sup> e as Relações Étnico-Raciais e de Gênero com foco na análise da Identidade da Mulher Negra e Professora da Educação Básica em Tracuateua-PA<sup>5</sup>.

No levantamento realizado encontrei pesquisas com temas voltados para a Discriminação Racial, o estudo analisa os discursos das professoras sobre a discriminação racial no contexto da EMEF Simpliciano de Medeiros Júnior<sup>6</sup>. Também foi possível identificar uma

---

<sup>3</sup> CORRÊA, Antonio Matheus do Rosário. **As Representações Sociais de Crianças Negras sobre Relações Raciais**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia), Universidade Federal do Pará. 2019. Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Raquel Amorim dos Santos.

<sup>4</sup> PEREIRA, Morgana da Silva. **Representações Sociais de Professores sobre as Relações Étnico-Raciais na Educação Básica a partir da Formação Continuada da UFPA**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia), Universidade Federal do Pará. 2018. Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Raquel Amorim dos Santos;

<sup>5</sup> PEREIRA, Thyele Siqueira. **Relações Étnico-Raciais e de Gênero: A Identidade da Mulher Negra e Professora da Educação Básica em Tracuateua-PA no Nordeste do Pará**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia), Universidade Federal do Pará. 2019. Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Raquel Amorim dos Santos.

<sup>6</sup> OLIVEIRA, Ana Paula dos Santos Chagas. **A discriminação racial no contexto da E.M.E.F Doutor Simpliciano de Medeiros Junior: Análise dos discursos das professoras**. 2010. Trabalho de Conclusão de curso (Licenciatura em Pedagogia) Universidade Federal do Pará, 2010. Orientador: Prof. Dr. Luiz Junior Costa Saraiva.

pesquisa no campo do Currículo e a Questão Étnico Racial<sup>7</sup> a partir de um estudo de caso numa Escola Municipal do meio rural no município de Tracuateua/PA.

Nas pesquisas sobre o Ensino da Cultura Afro-Brasileira identifiquei estudos que versam sobre o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira na 4ª série e 5º ano/9 do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Fundamental Dr. Simpliciano Fernandes de Medeiros Júnior<sup>8</sup>. Outro estudo foi sobre a Lei 10.639/2003 nos Discursos de Documentos Oficiais da Educação Básica e Ensino Superior na Amazônia Bragantina-PA<sup>9</sup>, buscou analisar a partir documentos oficiais a implementação da Lei nº 10.639/2003 no currículo da Educação Básica e Ensino Superior a partir dos Órgãos executores (SEDUC, SEMED, UFPA) e fiscalizadores (Conselho Estadual de Educação do Pará e Conselho Estadual de Bragança).

Nos estudos sobre Comunidades Tradicionais, encontrei temáticas voltadas para a Educação Ambiental como uma necessidade<sup>10</sup>, assim como encontrei pesquisas sobre a Gestão da Escola, cuja análise centrou-se na concepção do Conselho Escolar sobre a Gestão Democrática no contexto da Educação Escolar Quilombola em Tracuateua-PA<sup>11</sup>. Visualizei também pesquisas voltadas o Planejamento Educacional na Educação Quilombola<sup>12</sup>, assim como estudos sobre a inclusão de Pessoas Com Deficiência, cujo objeto de estudos foi as Representações Sociais da Gestão Escolar sobre Tecnologia Assistiva na Escolarização da Pessoa Com Deficiência em Comunidades Tradicionais no Nordeste Paraense<sup>13</sup>.

---

<sup>7</sup> AVIZ, Andressa Pereira. **Currículo e a questão étnico-racial: um estudo de caso numa escola municipal do meio rural no município de Tracuateua/PA**. 2008. Trabalho de Conclusão de (Licenciatura em Pedagogia), Universidade Federal do Pará. 2008. Orientador: Prof. Me. Leandro Passarinho Reis Junior.

<sup>8</sup> BALDEZ, Denyz Jean Costa. **O ensino da História e cultura afro-brasileira na 4ª série e 5º ano/9 do ensino fundamental da escola municipal e fundamental Dr. Simpliciano Fernandes de Medeiros Júnior**. 2011. Trabalho de conclusão de (Licenciatura em Pedagogia) Universidade Federal do Pará. 2011. Orientador: Prof<sup>ª</sup>. Me. Letícia Souto Pantoja.

<sup>9</sup> GUIMARÃES, Deidiane Costa. **Política Curricular e Relações Raciais: A Lei 10.639/2003 nos Discursos de Documentos Oficiais da Educação Básica e Ensino Superior na Amazônia Bragantina-PA**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia), Universidade Federal do Pará. 2019. Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Raquel Amorim dos Santos.

<sup>10</sup> MARTINS, Elizete da Silva. **Educação Ambiental: uma necessidade em comunidades tradicionais**. 2009. Trabalho de conclusão de (Licenciatura em Pedagogia) Universidade federal do Pará. 2009. Orientador: Prof. Sérgio Cardoso de Moraes

<sup>11</sup> RODRIGUES, Valdecira Carvalho. **A concepção do Conselho Escolar sobre a Gestão Democrática no contexto da Educação Escolar Quilombola em Tracuateua-PA**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia), Universidade Federal do Pará. 2019. Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Raquel Amorim dos Santos.

<sup>12</sup> FERREIRA, Geisa Bruna de Moura. **O planejamento educacional e escolar e a Educação Quilombola no município de Iritua-Pará**. 2016. Trabalho de Conclusão de (Licenciatura em Pedagogia). Universidade Federal do Pará 2016. Orientador: Prof. Dr. Francisco Pereira de Oliveira

<sup>13</sup> OLIVEIRA, Mequias Pereira de. **Representações Sociais da Gestão Escolar sobre Tecnologia Assistiva na Escolarização da Pessoa Com Deficiência em Comunidades Tradicionais no Nordeste Paraense**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia), Universidade Federal do Pará. 2020. Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Raquel Amorim dos Santos.

No campo dos estudos sobre Religiosidade Afro-Indígena, se destacou a pesquisa do Meio Ambiente e Religiosidade Afro-Indígena em Bragança/PA<sup>14</sup>. Ainda foi possível identificar estudos sobre o Preconceito Racial na escola<sup>15</sup>. Esses estudos em suas distintas abordagens tratam da questão racial, mas não se evidenciou objeto de estudo voltado para a identidade da criança quilombolas.

No Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia (PPLSA) encontrei 4 (quatro) Dissertações, quais sejam: Identidade e Educação Escolar Indígena<sup>16</sup>, que tem como objetivo discutir a construção da identidade Juruna na sua relação com a escola da aldeia Boa Vista, sinalizando, nas práticas escolares, o atendimento aos preceitos legais da política de educação escolar indígena que, entre outros, se pauta em um projeto de autonomia e valorização da cultura indígena. Construção da Identidade Docente na EJA<sup>17</sup>, esse estudo foi projetado para compreender se elementos da prática pedagógica contribuem para a reconstrução da identidade docente da EJA e como esses elementos refletem em suas práticas pedagógicas no contexto educacional rural. Memória e Identidade Afrodescendente<sup>18</sup>: a construção simbólico-poética negra no quilombo de Tipitinga em santa-luzia do Pará- PA que traz como objetivo geral realizar uma análise de duas poesias escritas por Rozalvo Ramos Farias, poeta quilombola da comunidade de Tipitinga, no município de Santa Luzia do Pará –PA. Território e identidade quilombola em Tracuateua/PA: história, memória e afirmação cultural.<sup>19</sup>, investigou a trajetória sociocultural, as representações e afirmações no contexto das relações cotidianas dos quilombolas da comunidade do Cigano e de sua localidade mais próxima, chamada “Pontinha”, sobretudo, procurou compreender como estas relações sociais influenciam a realidade contrastante que se agrava cada vez mais no cotidiano desse grupo social e que possivelmente implica na desvalorização dos seus saberes, de seu território e que

---

<sup>14</sup> SILVA, Luciana Ferreira Ribeiro da. **Meio Ambiente e religiosidade afro-indígena em Bragança/PA**. 2010. Trabalho de Conclusão de (Licenciatura em Pedagogia) Universidade Federal do Pará. 2010. Orientador: Esp. Maria de Lima Gomes

<sup>15</sup> OLIVEIRA, Roseli da Silva. **O preconceito Racial na Escola**. 2007. Trabalho de Conclusão de (Licenciatura em Pedagogia). Universidade Federal do Pará. 2007. Orientador: Prof. Dr. Sérgio Cardoso de Moraes.

<sup>16</sup> SILVA, Taiane Lima. **Identidade e Educação Escolar Indígena: o caminhar da escola Francisca Juruna rumo à interculturalidade**. 2019. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Pará. 2019. Orientador: Prof. Dr. Daniel dos Santos Fernandes.

<sup>17</sup> ARAÚJO Maria do Carmo Alves de. **A construção da identidade docente e os desafios na EJA – EMEF Sol Nascente/Assurini**, 2019. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Pará. 2019. Orientador: Prof. Dr. Daniel dos Santos Fernandes.

<sup>18</sup> QUADROS, Keila de Paula Fernandes de. **Memória e Identidade Afrodescendente: a construção simbólico-poética negra no quilombo de Tipitinga em santa-luzia do Pará- PA**. 2019. Trabalho de Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Pará, 2019. Orientador: Prof. Dr. Francisco Pereira Smith Júnior.

<sup>19</sup> SANTOS, Fabricio Rodrigues dos. **Território e identidade Quilombola em Tracuateua/PA: História, Memória e Afirmação Cultural**. 2017. Trabalho de Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Pará, 2017. Orientador: Prof. Dr. Salomão Antônio Mufarrej Hage.

revela muito sobre a forma como se dá sua interação com outros povos e com a natureza. Notas sobre Identidades, Territorialidades e Religiosidade em uma comunidade quilombola na Amazônia Oriental<sup>20</sup> o objetivo geral definido neste trabalho é: interpretar e refletir sobre a construção da identidade social dos moradores da comunidade de Jurussaca como quilombolas, tomando como base os modos de vida de seus moradores, as relações estabelecidas com o território e as religiosidades vivenciados na/pela comunidade, que constituam traços representativos de sua identidade. E por último, o Trabalho de Relações Étnico-raciais, saber historiográfico, saber Histórico escolar no curso de História da Universidade<sup>21</sup> esta pesquisa analisa a configuração das relações étnico-raciais sobre o saber historiográfico e o saber histórico escolar do Curso de História.

De acordo com o levantamento dos estudos não foi encontrado pesquisas que discutisse a identidade da criança quilombola no nordeste paraense. Assim, essa pesquisa avança no sentido de analisar a identidade da criança quilombola no Nordeste Paraense, uma vez que o foco do estudo é trazer os discursos das crianças quilombolas que residem no quilombo de Bela Aurora. Desse modo, a criança é apresentada nessa pesquisa como interlocutores principais, sendo levado em considerações todos os seus saberes, valores que carregam em suas vivências, fatores esses que são fundamentais para suas construções enquanto quilombolas.

Ressalto que a relevância acadêmica desse estudo possibilita uma discussão ampla e específica, sobre a identidade da criança quilombola no Nordeste Paraense compreendendo o processo de formação e construção dos saberes, costumes e vivências enquanto sujeitos principais, onde expressam suas próprias ideias sobre sua construção, nesse sentido as crianças são vistas na pesquisa como produtores de culturas.

A relevância social da pesquisa consiste em visibilizar a identidade das crianças quilombola com vista a valorização e reconhecimento dessa identidade nas territorialidades quilombolas e em outros espaços. A pesquisa permite reflexões, sobre o que dizem as vozes infantis quilombolas sobre a sua formação, e seu território e tudo que faz parte de suas vivências, pois é dentro do seu território que expressam a relação com aquilo que os rodeia como a floresta, o rio, os animais, com as plantações, seus familiares, com as brincadeiras,

---

<sup>20</sup> SILVA, Glayce Fátima Fernandes. **Notas sobre Identidades, Territorialidades e Religiosidade em uma comunidade quilombola na Amazônia Oriental**. 2017. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Pará 2017. Orientador: Prof. Dr. Luiz Junior Costa Saraiva.

<sup>21</sup> JUNIOR, Elton Luis da Silva. **Relações Étnico-raciais, saber historiográfico, saber Histórico escolar no curso de História da Universidade**. 2019. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Pará. 2019. Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Raquel Amorim dos Santos.

assim como os saberes construídos e repassados por seus ancestrais. Nesse sentido, as crianças quilombolas trazem em seus discursos o que sabem sobre si próprio e o seu quilombo.

Essa pesquisa possibilita contribuir para meu processo formativo profissional no sentido de entender sobre as relações sociais estabelecidas pelas crianças quilombolas no seu ambiente de vivência, pois é nessa linha de pesquisa que pretendo atuar profissionalmente, sempre visando crianças quilombolas, e sua construção enquanto sujeitos socioculturais.

A infância é assegurada em seus direitos pela Constituição Federal de 1988 (CF/88), em seu Artigo 227, que estabelece:

É dever da família, da sociedade e do estado assegurar à criança [...], com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade ao respeito, a liberdade e a convivência familiar e comunitária além de colocá-los a salvo de negligências, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (BRASIL, 2016, p. 132).

É responsabilidade de todos garantir que a criança cresça de maneira digna e segura, que todos os seus direitos possam ser colocados em práticas constantemente, onde possam ser vistas como construtora de cultura e como sujeitos que podem contribuir para a construção de uma sociedade melhor.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em seu Artigo de nº 16 e de nº 17 ressalta e afirma “o direito à liberdade e, cita aspectos como o brincar, e divertir-se e, abrangendo a preservação da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças”, [...] nesse sentido a criança deve ser protegida e respeitada (BRASIL 1990, p.14) e que todas as crianças cresçam com a liberdade de expressão e escolhas e que no seu meio de vivência seja compreendida, assim como suas identidades.

A LDB nº 9.394/96 (1996) no Art. 1º assegura que a “educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”. A educação envolve diferentes saberes socioculturais que fazem parte da construção da identidade da criança e que não está restringido apenas nas instituições de ensino, mas por todos os espaços de vivências de cada sujeito.

De acordo com os dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP), o censo de 2013 mostra a porcentagem de crianças quilombolas que frequentam escolas em áreas remanescentes de quilombos, de 0 a 6 anos cerca de 16,5 % e de 7 aos 14 anos equivalentes a 55,4 % (INEP 2013). Os dados indicam que 71,9% representam a porcentagem de estudantes que estão frequentando as escolas dentro do território quilombola.

As Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira (DCNERER) orientam para o fortalecimento e o “[...] desencadeamento de processo de afirmação de identidades, de historicidade negada ou distorcida” (BRASIL, 2004, p. 19). Sempre é preciso, avaliar e reformular ações que visam justamente a identidade como um fator determinante na construção humana, que possibilita o sujeito a compreender, sobre si e aos demais grupos étnicos.

Afirmar uma identidade afrodescendente, que por muitos anos foi negada devido vários fatores racistas, que colocava esses sujeitos como incapaz na sociedade e impedido de desfrutar de qualquer direito como cidadão é realmente um desafio, porém essa tarefa vai muito além dos sistemas de ensino, nesse cenário de desigualdades, o papel da educação é conhecer, respeitar e valorizar a história construída que carrega a diversidade, só assim haverá possibilidades de inclusão. Dessa maneira, a afirmação de uma identidade permite consolidar a existência de saberes, costumes, deixado por seus ancestrais.

As Diretrizes Curriculares para a Educação Escolar Quilombola estabelecem os territórios quilombolas são lugar da luta por espaço, pôr uma vida digna de poder carregar sua ancestralidade, memória, conhecimentos tradicionais, formas de cura e de cuidado, fatores esses que fazem parte da construção da identidade dos quilombolas (BRASIL, 2014). Esse processo de subjetividade é ligado a um histórico de resistência, construído de acordo com as especificidades locais, regionais, políticas e culturais de cada comunidade quilombola.

O quilombo é um espaço político, social, e econômico, através das estratégias de luta muitos desses territórios já estão demarcados, um fator determinante que garante os quilombolas de residirem em seu território, mantendo assim, sua cultura, valores, saberes, crenças, dessa maneira dando continuidade nas suas tradições, que é passada de geração em geração.

Diante do contexto anunciado apresentamos o problema de pesquisa: Que identidade são construídas pelas crianças quilombolas de Bela Aurora? A partir desse problema apresentamos as seguintes questões norteadoras: Quais os significados atribuídos pelas crianças quilombolas de Bela Aurora sobre suas identidades. A partir das questões que nortearam a pesquisa definimos os seguintes objetivos: Geral: Analisar os significados atribuídos pelas crianças quilombolas de Bela Aurora sobre suas identidades. Específicos: a) Analisar o contexto histórico e sociocultural sobre a identidade de crianças quilombolas; b) Identificar os significados atribuídos pelas crianças quilombolas de Bela Aurora sobre suas identidades.

A pesquisa está estruturada em três seções. Na primeira seção destaca a Introdução, com destaque para a Justificativa, problemática do estudo, os objetivos da pesquisa, a delimitação,

a relevância e a revisão bibliográfica. Na segunda seção trata-se dos estudos do método utilizado na pesquisa para a definição das técnicas da coleta dos dados e processos de análise. Na terceira seção se analisa os significados atribuídos pelas crianças quilombolas de Bela Aurora sobre suas identidades.

## **2 PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICO DA PESQUISA**

### *2.1 Área de estudo*

A pesquisa foi desenvolvida na Comunidade Quilombola de Bela Aurora-PA, localizada no Município de Cachoeira do Piriá-PA, no nordeste paraense. Sendo parte da Amazônia o quilombo fica na margem esquerda do rio Gurupi, na divisa dos Estados do Pará e do Maranhão. O quilombo surgiu com refugiados das fazendas de arroz, café e cana de açúcar no estado do Maranhão, onde saíram pela mata até chegar as margens do rio Gurupi, daí então, passaram a viver nesse local e o nomearam de Quilombo Bela Aurora.

O quilombo de Bela Aurora foi fundado em 1917 por escravizados que fugiam das fazendas do estado do Maranhão especificamente da cidade de Pinheiro, tendo como os principais fundadores Anselmo Caldas, Teotônha Pinheiro e Agostinho Caldas. Com a criação do município de Cachoeira do Piriá o quilombo começou a ser invadido por imigrantes que chegavam no município, assim começou a se pensar na titulação do território, muitos não queriam, mas Nonato Caldas, Manoel caldas, Carlos Caldas e Antônio Obdalias, lutaram para o tão reconhecimento.

As margens do rio em cima de um moro, o sol sempre nasce de maneira espetacular, um lugar estratégico. Esses grupos em sua maioria eram familiares que se dispersaram em fuga, pelas margens do rio Gurupi formando outros quilombos como Itamoari e Camiranga, hoje os três quilombos, além da relação familiar, mantém relações socioculturais. O quilombo de Bela Aurora possui 56 famílias, tendo como principal atividade de subsistência a agricultura familiar, mantendo o sustento de suas famílias por meio da plantação de mandioca para a produção e venda da farinha, milho, feijão, cupuaçu, assim como a criação de gado e porco em pequena proporção, além da pesca e do açaí como complemento da renda familiar.

Bela Aurora é um quilombo titulado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) em 2004, sua área e de 2.410, 2754 hectares. O quilombo se organiza em torno da Associação Quilombola Rural Bela Aurora, onde a diretoria é formada por um presidente, um vice-presidente e uma secretária, eleitos democraticamente por um período de quatro anos.

A religião predominante é a católica, tendo como padroeiro do quilombo São Domingos Gusmão, que sempre é festejado nos dias de 31 de julho a 8 de agosto, o festejo conta com levantação do mastro, rezas nas casas dos moradores do quilombo, assim como na igreja. O quilombo sendo formado, em sua maioria, por pessoas escravizadas do estado do Maranhão a sua cultura carrega resquício do estado, onde trazem como uma das práticas culturais o Bumba Meu Boi ou de preferência como é chamado pelos moradores do quilombo de “Boiada”, além disso o Carimbó também é outra prática cultural presente no quilombo.

**Figura 1** - Localização do quilombo Bela Aurora



**Fonte:** *google.com*

Na pesquisa foi utilizado o método etnográfico, “[...] a etnografia tem como finalidade o estudo sociocultural, ou forma de vida da sociedade, descrevendo as crenças e práticas do grupo, mostrando como a diversidade do grupo ou comunidade contribuem a crescer a cultura como um todo unificado e consistente” (LOPEZ, 1999, p. 47). Sendo assim, será possível analisar o comportamento das crianças no seu meio social e cultural.

Os aspectos etnográficos, nesse estudo foram realizados por meio das vivências e participação das crianças na comunidade, seus modos de vida, suas as práticas culturais, como a boiada e o carimbó, assim como festividades religiosas, as festas tradicionais, comemorações celebradas nas datas importantes para o quilombo de Bela Aurora.

A etnografia caracteriza-se pela descrição ou reconstrução de mundos culturais originais de pequenos grupos, para fazer um registro detalhado de fenômenos singulares, a fim de recriar as crenças, descrever práticas e artefatos, revelar comportamentos, interpretar os significados e

as ocorrências nas interações sociais entre os membros do grupo em estudo. (CHIZZOTTI, 2006).

A pesquisa etnográfica possibilita que pesquisador permaneça e esteja envolvido no campo de estudo, durante um período durável, na vida cotidiana dos membros de uma comunidade, partilhando de suas práticas, hábitos, rituais e concepções, ou seja, uma partilha completa, duradoura e intensiva da vida e da atividade dos participantes, neste caso das crianças quilombolas, vivenciando todos os aspectos possível de suas vidas, das suas ações e dos seus significados, acompanhando as ações cotidianas e habituais, as circunstância e sentidos dessas ações e interrogando sobre as razões dos seus atos . (CHIZZOTTI, 2006).

Para a realização da etnografia, observei as crianças, por um período de oito meses estive presente diretamente com as crianças do quilombo de Bela Aurora, observando sempre a maneira que se relacionam dentro do quilombo, em busca de significados para cada ação desenvolvida como: o banho no rio, brincar de bola, a participação nas danças tradicionais, onde ocorre nos espaços onde as crianças estavam presente, como: na beira do rio, na praça da igreja do quilombo onde os aspectos observados era a relação estabelecida entre as crianças, comportamento apresentados no decorrer das ação, assim como suas falas.

A abordagem do estudo é de cunho qualitativa, “[...] pois a mesma trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes” (MINAYO, 2002, p. 21). Sendo assim, a pesquisa qualitativa possibilita um entendimento mais completo sobre a relação do sujeito com seu meio social, permitindo um olhar mais aprofundado sobre as crianças quilombolas de Bela Aurora.

Para Chizzotti (2006) a abordagem qualitativa permite que todas as pessoas que participam da pesquisa sejam vistas como sujeitos que constroem conhecimentos e produzem práticas apropriada que permite opinar e identificar os supostos problemas que venham acontecer na pesquisa. Levando em consideração os conhecimentos práticos dos sujeitos, que detém saberes do senso comum que apresentam ideias elaboradas relativamente que acabam formando uma concepção de vida e orientam suas ações individuais.

Dessa maneira, trabalhamos com as crianças por meio de seus discursos partindo do que elas já sabem sobre o contexto do território que vivem, sempre levando em consideração as especificidades do grupo pesquisado, assim, partimos do entendimento dos saberes do senso comum, construídos pelas crianças de acordo com suas vivências e experiências sobre suas construções socioculturais, assim como de suas identidades.

Nessa pesquisa, os interlocutores foram as crianças, moradoras do quilombo de Bela Aurora, na faixa etária de 6 a 12 anos. Os critérios de escolhas entre as crianças foram feitos

por meios daquelas que tinham disponibilidade em participar das ações feitas no quilombo, que envolve ações educativas realizadas em diversos espaços do quilombo, os momentos festivos do quilombo como a festividade de São Domingos Gusmão e as festas culturais com apresentação da boiada e do carimbó.

O quadro a seguir apresenta o perfil das crianças interlocutoras da pesquisa.

Tabela 1 – Interlocutores da Pesquisa

Nome	Idade	Sexo	Autodeclaração	Ano Escolar
Ana	07 anos	Feminino	Quilombola	2º ano
Emily	09 anos	Feminino	Quilombola	3º ano
Clara	10 anos	Feminino	Quilombola	4º ano
Renan	11 anos	Masculino	Quilombola	6ºano
Davi	8 anos	Masculino	Quilombola	3º ano
Fernanda	6 anos	Feminino	Quilombola	2º ano
Mirela	7 anos	Feminino	Quilombola	2º ano
Marcele	10 anos	Feminino	Quilombola	6ºano
Samir	12 anos	Masculino	Quilombola	7º ano
Dário	8 anos	Masculino	Quilombola	3º ano

**Fonte:** Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa Etnográfica

Esse levantamento possibilita conhecer o perfil das crianças e a forma como se autodeclaram, aspecto fundamental para traçar suas identidades, dessa maneira é possível conhecer mais sobre o processo de construção de suas identidades, ou seja, pode-se analisar a afirmação enquanto quilombola. A Tabela 1 mostra 6 crianças do sexo feminino e 4 do sexo masculino, todas as crianças cursam entre o 2º ano e 7º ano do Ensino Fundamental, a maioria estuda na escola do quilombo e os demais na escola mais próxima, que fica fora do território, aproximadamente 6 km de distância do quilombo onde mora as crianças. A Tabela 1 também mostra como as crianças se autodeclaram, notoriamente percebemos que todas as crianças se identificam como quilombolas, dessa maneira assumem suas identidades enquanto crianças quilombolas.

## 2.2 Geração dos dados

A geração dos dados deu-se por meio da técnica da observação participante e do grupo focal, com objetivo de analisar os significados sobre a construção das identidades das crianças quilombolas de Bela Aurora em seus diversos espaços, todos dentro do quilombo, pois é nesse ambiente que as crianças aprendem a se relacionar com os mais velhos e com tudo que os rodeiam. Segundo Minayo, (2002) a observação participante é realizada por meio do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seu próprio contexto, ou seja, por meio do lugar de vivências das crianças é possível entender as relações estabelecidas por elas. A observação participante aconteceu em nos espaços no qual as crianças do quilombo de Bela Aurora frequentam, um deles sendo a beira do rio Gurupi.

Para Chizzotti (2006) a observação participante é caracterizada por uma distribuição concluída, demorada e excessiva da vida e das ações executadas pelos participantes, desse modo se identificando com eles de maneira recíproca, como iguais, vivendo todos os aspectos e particularidades possível de suas vidas, das suas ações e dos seus significados atribuído, nesse caso o observador participa constantemente de todas os acontecimentos de todas as situações espontâneas e formas desenvolvidas, sempre acompanhando as ações recorrente e habituais, sempre buscando sentidos dessas ações e interrogando sobre as razões dos seus atos manifestados.

A observação aconteceu desde o dia 13 de junho de 2021, no dia a dia, no convívio com o quilombo, onde foi anotado no diário de campo as relações de convivência, experiências e ações expressadas pelas crianças, assim como foi observado o conhecimento sobre o processo de construção das identidades, exposto no decorrer de seu convívio e de suas falas, com o objetivo de compreender detalhadamente as vivências, práticas culturais, costumes e crenças por intermédio das ações das crianças. Assim, as crianças foram observadas em espaços distintos onde frequentam e se socializam no Quilombo.

Como técnica utilizou-se também o grupo focal, segundo Gatti (2005) o trabalho com grupos focais permite entender o processo de construção das vivências por determinados grupos sociais, compreender práticas cotidianas, ações, eventos, comportamentos e atitudes, constituindo-se uma técnica importante para o conhecimento de representações, percepções, crenças, hábitos, linguagens e simbologias.

O roteiro do grupo focal foi organizado da seguinte maneira: elaboração das atividades aplicadas para as crianças, encontro com as crianças para decidir quem desejaria participar da pesquisa, solicitar/comunicar às crianças, os pais e por fim, realizamos três encontros previstos para as atividades.

O primeiro encontro ocorreu no dia 04 de junho de 2021, pela tarde onde a maioria das crianças estavam reunidas no espaço cultural do quilombo para o ensaio teatral do Bumba meu Boi e para a dança do carimbó infantil, prática cultural que as crianças participam sempre no mês de junho, especificamente no dia 24 de junho de 2021. Fui convidada pela professora do Quilombo para fazer parte da organização da brincadeira, já que sou a idealizadora da Boiada Infantil<sup>22</sup>. Antes do ensaio começar, em uma roda de conversa informal, perguntei para as crianças: Qual seu nome? Quantos anos você tem? Como você se autodeclara? Em que ano escolar você está? Posteriormente, perguntei se elas gostavam de morar no Quilombo? Por quê? A finalidade dos questionamentos foi saber primeiramente como as crianças do quilombo Bela Aurora se identificavam, desse modo saber qual a visão que tem de morar no quilombo.

No Segundo Encontro foi realizada a apresentação e cotação de história por meio de fantoche do livro da Literatura Africana: “Bucala: a pequena princesa do Quilombo do Cabula”, assim como mostra capa do livro na figura 2. Optei por contar a história embaixo de uma das árvores mais velhas e grande do quilombo, a sumaúma. Á árvore é um local onde as crianças

---

<sup>22</sup> A boiada infantil surgiu por meio do interesse das crianças em participar do Bumba meu Boi no qual é uma prática cultural que faz parte da cultura do quilombo de Bela Aurora, diante disso vendo a necessidade de fortalecer ainda mais essa prática, surgiu a ideia de fazer a Boiada Infantil apenas com as crianças do quilombo, onde eles são os sujeitos principais da brincadeira, a apresentação é feita por meio de fantasias de um boi e uma burrinha e chapéu de palha enfeitados com fitas coloridas ao som de tambores e matracas que acompanha os cantos das toadas.

gostam sempre de estar, seja no momento de palestras, aulas de campo ou para outras finalidades.

**Fonte:** Nunes/2019

**Figura 3-** Árvore Samaúma

**Figura 2-** Capa do livro Bucala: a Pequena princesa do Quilombo Cabula



**Fonte:** Arquivo da pesquisadora /2021

A figura 3 mostra a árvore sumaúma, uma das mais antigas do quilombo, sendo uma árvore histórica ela guarda histórias que o quilombo carrega, esse espaço é utilizado para diversas finalidades, seja para aula de campo, conversas e passeios e entre outros.

A história Bucala: a pequena princesa do Quilombo Cabula, aborda a literatura africana e conta a história de uma princesa quilombola que tenta proteger seu quilombo dos capitães do mato. A árvore Sumaúma foi escolhida para a cotação dessa história, por ser uma referência na história de Bucala, sendo um local apropriado para esse momento e sem dúvida ganhou mais sentido para as crianças. As figuras a seguir mostram os recursos utilizados para contar a história, no qual mostra na figura 4 a Princesa Bucala, na figura 5 a Lua Prateada, na figura 6 o Pássaro Preto e por último na figura 7 Onças Suçuarana.

**Figura 4-** Princesa Bucala



**Fonte:** arquivo da pesquisadora /2021

**Figura 5-** Lua prateada



**Fonte:** arquivo da pesquisadora /2021

**Figura 6-** Pássaro Preto



**Fonte:** arquivo da pesquisadora /2021

**Figura 7-** Onça Suçuarana



**Fonte:** arquivo da pesquisadora/2021

Nesse momento apresentei informações da capa do livro, como: autor, ilustrador, editora, etc. Em seguida realizei um levantamento de conhecimentos prévios a partir das informações da capa. Como é esta princesa? As princesas que vocês já viram em outras histórias parecem com Bucala? O que é quilombo?

Depois da cotação da história, por meio da oralidade as crianças do quilombo responderam na roda de conversa os seguintes questionamentos: Onde você mora? Você é Quilombola? O que é ser uma criança quilombola? O que o rio significa para você? O que a floresta significa para vocês Como você se autodeclara?

O Terceiro Encontro a partir desse levantamento, foi disponibilizado papel A4, lápis de cor, sendo solicitado às crianças que desenhassem o seu dia a dia no Quilombo. No momento da criação do desenho, foi solicitado que elas explicassem o que simbolizava suas ilustrações, no final todos socializaram suas produções.

O desenho possibilita a criança expressar aquilo que faz parte do seu cotidiano e de suas vivências. Dessa maneira, o desenho livre e as fotografias foram utilizados para analisar as identidades revelada pelas crianças.

Gobbi (2008) aponta que os desenhos e as fotografias, firmam-se como elementos que contribuem com o campo de análise sobre infância, e neste caso em especial, como criação e expressão da sua cultura. Assim, conhecendo o desenho, podemos conhecer melhor as crianças, suas formas expressivas e suas vivências. Neste sentido, o desenho pode ser relacionado com a construção sociocultural do próprio indivíduo já que por meio do desenho a criança expressa suas vivências.

Como procedimentos de análise defini a transcrição dos áudios e análise dos desenhos elaborados pelas crianças, perceber as ideias nas discursividades das crianças, sendo utilizado

como recurso, um aparelho telefônico para realizar as gravações e tirar as fotos, para então, serem analisadas.

Para a sistematização e categorização das informações coletadas por meio dos discursos das crianças do Quilombo, pois procurei explorar os dados mais relevantes para compreender a construção de suas identidades das diferentes vozes que emergem das crianças e seu contexto sociocultural sendo utilizada a polifonia e a abordagem de análise do discurso.

Abordar sobre a polifonia e como esse conceito será desenvolvido nesse estudo.

Para Bakhtin (2003, p. 262) fala dos discursos ressaltando “a riqueza e a diversidades dos gêneros dos discursos são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades” ou seja os discursos são apresentados de formas variadas, diferentes que se desenvolve e transforma-se no decorrer dos momentos em que cada sujeito está inserido.

Nos discursos das crianças é possível compreender as suas representações, pensamentos, que estão entrelaçados na relação com seu meio sociocultural. As crianças do Quilombo de Bela Aurora expressam por meio da oralidade aquilo faz parte das suas vivências no quilombo.

Os discursos das crianças são variados, pois cada uma, apresenta o que sabem de acordo com sua vivência, porém se relacionam e se completam a medida que cada criança expressa o conhecimento que tem do Quilombo Bela Aurora. Para Bakhtin (2013, p. 23) “[...] o fundamento da polifonia consiste justamente no fato de que as vozes, apresenta-se de forma independente [...]”, porém tratando-se dessa individualidade é na polifonia que ocorre diversos desejos individuais e dinâmico, dessa maneira, realiza-se a retirada de princípios para além dos limites de uma vontade.

Por mais que nos discursos das crianças se apresentem de forma diversas, os mesmos, se interligam através de uma só vontade que está relacionada com o grupo. É nesse sentido de interações que as identidades vão sendo construídas e expressas através de seus discursos.

### **3 IDENTIDADES ATRIBUÍDAS PELAS CRIANÇAS DO QUILOMBO DE BELA AURORA**

A identidade negra carrega toda uma ancestralidade ligada aos saberes, as memórias, as tradições, a religiosidade, as vivências socioculturais de um grupo que constantemente precisa ser reafirmada. A identidade negra é uma “[...] construção social, histórica, cultural de densidade, de conflitos e de diálogos [...] pois a identidade negra implica a construção do olhar

de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial”. (GOMES, 2002, p. 39).

A identidade negra foi temática do primeiro encontro que realizei com as crianças quilombolas e isso se deu em uma tarde de sábado, precisamente no dia 05 de junho de 2021, saí de casa às 15h30, para ensaiar a dança do Carimbó e uma peça sobre o bumba meu boi, no horário de 16h00 às 18h00, onde iriam apresentar na festa junina do quilombo de Bela Aurora a ser realizada no dia 28 de junho de 2021.

Durante a caminhada até o local do ensaio, encontrei com algumas crianças, todas estavam apreensivas e ansiosas para o primeiro ensaio, em conversa durante a caminhada, as crianças ressaltaram que somente mulheres dançam Carimbó, assim afirma Dário de 8 anos: *não vou dançar porque essa dança é de mulher (Observação, 2021)*. Para Dário há um lugar demarcado para as mulheres na dança do carimbó, nesse gênero musical de origem indígena, as mulheres dançam descalças e com saias coloridas, acompanhadas de homens que dançam utilizando calças geralmente brancas e simples.

Os lugares de gênero atravessam o tempo e estabelecem o pensamento simbólico da diferença entre os gêneros. Existe, uma fluidez no que culturalmente é tido como de homem e como de mulher.

Novamente na escolha dos personagens para a dramatização do boi um menino não queria ser a caipora, porque a caipora é nome de menina. Ele queria ser o curandeiro. A esse respeito ponderou: *eu não quero ser a caipora porque esse nome é nome de menina*. (Davi, 8 anos). A figura feminina da Caipora demarca um lugar que distancia João de representar esse personagem na dança. Para Hirschauer (1994) as “marcas” da construção de gênero ocorrem por meio da linguagem (nomes, títulos, formas de tratamento e pronomes), de artefatos materiais (vestimentas, cosméticos, bijuterias e acessórios) e de gestos e atividades. Neste sentido, o pertencimento de gênero de uma pessoa é uma qualidade que só pode ser mantida por meio de objetos culturais sexualmente marcados: vestimentas, linguagem, gestos, atividades etc.

Nitidamente nas falas de Dário e Davi revelam uma reprodução que acontece constantemente no universo adulto, onde são definidos o que é de menina e o que é de menino, infelizmente as crianças no convívio social reproduzem essas ações em diversos lugares como no contexto escolar ou nos brincarões.

A construção dos gêneros e das sexualidades para Louro (2008) dá-se por meio de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações e espaços, é entendida de modo evidente ou disfarçados por grupos sociais e culturais. É um processo

minucioso, sutil, sempre incompleto. Família, escola, igreja, instituições legais e médicas mantêm-se, por certo, como instâncias importantes nesse processo constitutivo.

As identidades são formadas através das instituições dominantes, e as maneiras que os sujeitos encontram para dá significados para suas identidades é internalizando e construindo fatores que são propagados justamente por essas instituições (CARTELLS, 2008). Por muito tempo, orientações seguidas nesse espaço foram desenvolvidas como ações e comportamentos absolutos e corretos, ainda há resquícios dessas instituições sociais, no qual se faz presente constantemente na vida das crianças do quilombo de Bela Aurora, pois é nesses espaços, igreja, escola e no contexto familiar que criam diversas relações e conseguinte constroem suas identidades.

Gomes (2012, p. 42) a esse respeito afirma: “Enquanto sujeitos sociais, é no âmbito da cultura e da história que definimos as identidades sociais todas elas, e não apenas a identidade racial, mas também as identidades de gênero, sexuais, de nacionalidade, de classe, etc”. Portanto, os diversos espaços contribuem para o processo de formação de diferentes identidades, onde nas relações pessoais e interpessoais essa construção se perpetua e se fazem presente entre os diversos ambientes.

A identidade para as crianças do Quilombo de Bela Aurora é construída por meio de suas práticas socioculturais que envolve as brincadeiras tradicionais do Quilombo, o convívio nas práticas religiosas da igreja católica, a convivência no espaço escolar, o convívio diário com seus familiares, as danças tradicionais em que as crianças demarcam os lugares de gênero (o que é de menina e de menino), demarcações passadas por um processo histórico e intergeracional na comunidade. Essas construções socioculturais constituem as identidades da criança quilombola por meio das culturas infantis.

Para Andrade (2018, p. 140) “a infância amazônica tem minudências próprias que foram se constituindo na cotidianidade das populações que compõem esse território. Com as especificidades de cada território a infância amazônica vai se constituindo e apresentando aspectos próprios construídos de acordo com cada grupo. As crianças quilombolas de Bela Aurora apresentam esses aspectos nos seus saberes tradicionais que o território carrega através de sua ancestralidade.

#### **4 QUILOMBO, TERRITÓRIO E BRINCARES DE CRIANÇAS COMO SÍMBOLOS DE IDENTIDADE**

O Quilombo é lugar, é um território vivido por meio de suas histórias, memórias, tradições, saberes socioculturais, vivências que se expressam nas mais variadas formas de

produção cultural, social, política e econômica. Neste lugar os brincarees estão relacionados com a natureza, o ambiente, a relação humano e não humano, vividos e [re]criados pelas crianças no convívio com a comunidade.

Para Santos (2018) as brincadeiras estão sempre, presente no cotidiano de toda criança, tornando-se uma necessidade básica e necessária. É essencial que a criança tenha a oportunidade de vivenciar situações ricas e desafiadoras, as quais são proporcionadas pelos jogos, brinquedos e brincadeiras como recurso pedagógico.

O brincar possibilita a criança interagir com o outro nas brincadeiras, sendo esta uma manifestação cultural realizada por um coletivo de crianças que descobre como uma vivência é criada, inventada, iniciada, continuada e determinada pelas crianças que brincam” (ARENHART, 2016; ANDRADE, 2019).

Santos (2018, p. 42) ainda corrobora que “[...] a interação sob a ótica das crianças perpassa pela ação que se exerce mutuamente na relação entre crianças e adultos [...], crianças entre si [...], crianças e os brinquedos [...], crianças e o ambiente e crianças, as instituições e as famílias”. Para autora, “[...] tais relações possibilitam vínculos que favorecem um clima de respeito mútuo e confiabilidade, gerando espaços para o trabalho colaborativo e a identificação da cultura popular da criança e de sua família, de suas brincadeiras e brinquedos preferidos”.

Na observação realizada no dia 05 de junho de 2021 também considerei a temática o quilombo como um território e os brincarees das crianças quilombolas, chegando no espaço cultural do quilombo já estavam várias crianças com faixa etária entre 6 anos e 12 anos sentei-me e nesse momento, comecei a conversar com elas, em um determinado momento perguntei se elas gostavam de morar no quilombo, elas responderam que sim, eu pergunto novamente, por quê? Assim, respondem:

**Renan, 11 anos:** *Há porque aqui no quilombo a gente vive livre, sai pra onde quiser, vai pescar, vai para o campo brincar bola, vai para a beira do rio banhar, e na cidade as crianças não fazem isso.*

**Clara, 10 anos:** *aqui a gente é livre.*

Assim como Renan e Clara expressa na sua fala o ser livre, para ambos, o sentido de ser livre faz parte do que fazem dentro do quilombo no seu cotidiano, como brincar bola, banhar no rio, brincar no parquinho do quilombo etc. As crianças costumam durante o seu dia a dia percorrer pelos caminhos do quilombo sozinhas, seja para ir na casa de algum parentesco, a escola, a igreja, o campo de bola ou a beira do rio Gurupi.

A fala das crianças nos remete a pensar no território como um lugar de proteção do cuidado, da diversão, onde as crianças expressam em suas falas aquilo que já fazem no seu cotidiano. Assim como para os ancestrais das crianças, onde fugiram das fazendas em busca da liberdade, as crianças do quilombo de Bela Aurora expressam o porquê gostam de morar no quilombo, o “viver livre” é apresentado em seus discursos como se fosse a liberdade de poder viver tranquilamente nesse território. É notório a segurança que o quilombo passa para as crianças, onde podem fazer livremente o que sentem vontade.

Na convivência diária, as crianças transitam livremente por todas as partes do quilombo, onde brincam uns com os outros, de diversas brincadeiras como: pira pega, futebol, sobem nas árvores, pulam das árvores no rio, pulam nas poças de lama, fazem briga de galo dentro do rio, a beira do rio é o ambiente mais utilizados para as brincadeiras, e acaba se tornando um espaço de encontro entre as crianças. As imagens a seguir mostram justamente uma das ações que demonstra o significado para as crianças de “viver livre”.

**Imagem 1-** Criança subindo na árvore no rio Gurupi



**Fonte:** arquivo da pesquisadora/2021

**Imagem 2-** Criança no pulando da árvore no rio Gurupi



**Fonte:** Arquivo da pesquisadora/2021.

As imagens mostram uma ação que faz parte da vida das crianças do quilombo, quando chega as cheias do rio Gurupi costumam se encontrar na beira do rio para pular das árvores. A imagem 1 mostra várias crianças entre meninas e meninos compartilhando um espaço de diversão e alegria. Nesse momento percebi a parceria estabelecida entre elas, onde as crianças maiores ajudam as crianças menos a subirem na árvore, sempre com muita diversão e gargalhadas entre as elas (Observação. 2021).

A imagem 2 mostra uma menina subindo na árvore e outra pulando, as demais crianças ficam em cima da árvore incentivando a menina a dá um pulo bem bonito. As crianças sabem nadar, a parceria entre elas, mostra o cuidado que umas tem com as outras, pois as crianças na maioria das vezes vão para o rio sozinhas ou acompanhadas de irmãos quase na mesma idade, é algo que já faz parte da vida das crianças no quilombo, então o cuidado entre elas é essencial.

Andrade (2019) ressalta que a identidade da criança ribeirinha que também são quilombolas não se estabelece somente pelo fato de viverem as margens de rios ou igarapés, mas principalmente por estarem voltadas para as relações que as estabelecem com o lugar. É nesse contexto que as crianças produzem relações com a natureza, e com outros fatores que fazem parte do território, pois se sentem parte desse espaço.

É nesse ambiente que as crianças ribeirinhas constroem sua identidade, pois esses fatores estão diretamente ligados a água que atravessa o cotidiano das crianças, onde o rio se caracteriza pelas cheias e vazantes (LOPES, 2012, p.91), onde cada um desses períodos é propício, seja para pescar, andar de canoa, olhar malhadeira e até mesmos influenciam as brincadeiras no qual as crianças praticam na beira do rio Gurupi.

Os significados das identidades das crianças quilombolas de Bela Aurora está ligado em tudo que é vivenciado dentro do território, principalmente na natureza que o território oferece.

Para Almeida (2018, p. 146) as crianças ribeirinhas e quilombolas detêm saberes socioculturais extraordinário, repletos de especificidades, que são constatados nas práticas do dia a dia entrelaçadas diretamente à natureza. “No exercício dessas práticas conhecimentos diversificados compõem a dinâmica das vivências que se dão na água, na terra, na mata e em outros locais criados por elas”.

A infância vivida por essas crianças é expressa pela maneira simples e livre de viver a vida dentro desse espaço, que as constroem enquanto sujeito ativos, sendo capazes de construir seus próprios saberes e de resignificar sua própria cultura e valores. Para as crianças do quilombo de Bela Aurora essa relação é apresentada por meio da natureza que as rodeia, onde utilizam dos meios naturais que o território dispõe para construir seus brincares.

Assim, evidenciei que os brincares das crianças não se perderam no decorrer do tempo, pois as crianças continuam dando significados para esses momentos fazendo com que essas ações expressas por meio das brincadeiras sejam culturais para as crianças e o quilombo. Isso me fez lembrar a minha infância construída nesse território, que apesar dos direitos negados, como o acesso a uma saúde de qualidade assim, como uma educação dentro do meu próprio território, não me fizeram esquecer dos momentos de alegria compartilhados entre meus amigos de infância, onde as nossas brincadeiras eram sempre na beira do rio Gurupi,

A infância vivida pelas crianças do quilombo de hoje não se distancia daquela que eu vivencie, apesar do tempo, as crianças continuam construindo e reinventando de sua maneira cada elemento deixado por quem os antecederam e aprendem desde cedo a importância de preservar sua cultura através dos brincares.

#### **4.1 IDENTIDADE, IMAGINÁRIO E QUILOMBO**

O segundo encontro com as crianças foi realizado no dia 14 de setembro de 2021, às 8h00 na árvore Sumaúma, o objetivo desse Encontro foi observar nos discursos das crianças o que sabem sobre suas origens e seu território.

**Imagem 3-** Cotação da História da Bucala



**Fonte:** Arquivo da pesquisadora/2021.

A imagem 3 aborda o momento de conversa com as crianças antes da história contada, nesse momento as crianças da sua maneira revelam o que sabem sobre seu território.

As crianças expressaram conhecer sobre suas origens e seu território, aquilo que escutam de seus familiares. Assim afirmam:

**Samir, 12 anos:** *meu avô conta que aqui foi formado por escravos.*

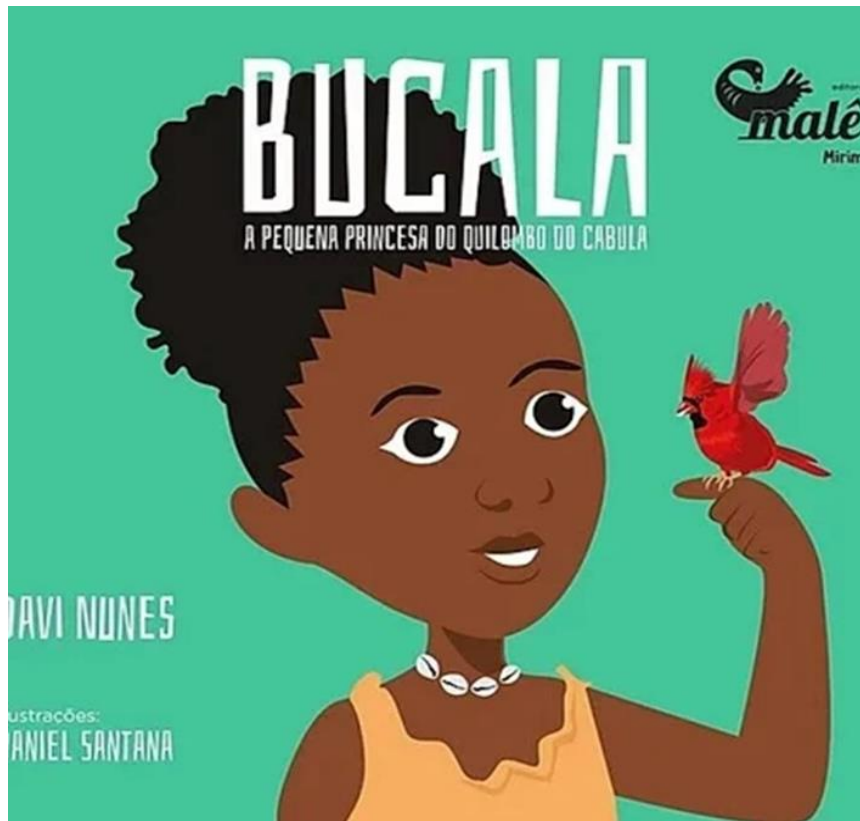
**Renan, 11 anos:** *eles fugiram e vieram pra cá.*

**Emily, 9 anos:** *agora é nos que mora aqui.*

O que as crianças sabem sobre a formação do quilombo de Bela Aurora é algo contado pelos seus pais e avós, através da oralidade, pois o quilombo não tem muitas coisas escrita que fale sobre sua formação. É através da oralidade que as crianças conhecem um pouco sobre suas origens, pois muitos de seus avós e bisavós relembram o momento da chegada no quilombo.

Em conversa com as crianças e mostrando a capa da história “Bucala: a pequena princesa do Quilombo Cabula” assim como mostra na figura 10, onde apresenta a imagem de Bucala segurando um pássaro vermelho, questionei: *Como era a princesa da história?*

**Figura 8-** Capa do livro Bucala: a pequena princesa do quilombo Cabula



**Fonte:** Google.com

As crianças disseram que é uma princesa quilombola que tem o cabelo crespo.

Vejam os:

**Davi, 8 anos:** *ela era uma quilombola.*

**Renan, 11 anos:** *Ela tinha o cabelo crespo e enrolado.*

**Ana, 7 anos:** *[...] também ela era negra.*

As crianças caracterizam a princesa da história como veem na capa apresentada para eles, onde em seguida citam que já viram princesas de outras histórias que se parecem com Bucala como, Tiana a princesa que beija o sapo e Moana<sup>23</sup>. Neste sentido, revelam:

**Ana, 7 anos:** *só uma, que é uma princesa que beija um sapo e ele vira um príncipe e ela era negra.*

**Fernanda, 6 anos** também traz outra princesa: *a Moana.*

<sup>23</sup> Moana Waialiki é uma corajosa jovem, filha do chefe de uma tribo na Oceania, vinda de uma longa linhagem de navegadores. Querendo descobrir mais sobre seu passado e ajudar a família, ela resolve partir em busca de seus ancestrais, habitantes de uma ilha mítica que ninguém sabe onde é. Acompanhada pelo lendário semideus Maui, Moana começa sua jornada em mar aberto, onde enfrenta terríveis criaturas marinhas e descobre histórias do submundo.

Depois começam a falar das histórias que já ouviram, como Cinderela e Branca de Neve, e foi então que questionei: qual a diferença entre Branca de Neve e Bucala? Imediatamente responderam que Branca de Neve usa o cabelo cortado e Bucala não, Branca de Neve também não é quilombola e ela usa uma fita vermelha na cabeça, já Bucala tem uma coroa.

**Emily, 9 anos:** *ela tem fita vermelha na cabeça e o é cabelo curto.*

**Pesquisadora:** *ela quem?*

**Clara de 10 anos:** *Branca de neve e Bucala tem uma coroa!*

Diante dos discursos das crianças, elas mostram pouca familiaridade com história de princesa negra. As crianças falam de outro momento da história, onde a Deusa Celeste no qual leva Bucala para mergulhar em seu reino no fundo do rio, as crianças nomeiam a deusa como a “mãe d’água”, um dos contos míticos no qual o quilombo tem.

#### **Imagem 4-Deusa Celeste**



**Fonte:** Livro Bucala: A pequena princesa do Quilombo Cabula

A imagem 4 apresenta a Deusa Celeste no qual é apresentada pela história de Bucala, nesse momento a Deusa leva Bucala para o fundo do rio para visitar seu reino encantado, mostrando os seres vivos que habitam no seu reino.

**Marcele, 10 anos:** *na história parece a mãe d’água.*

Questionei as crianças, em que momento a mãe d'água aparece? Elas revelaram:

**Marcele, 10 anos:** *Aparece quando a Bucala vai para o fundo do rio. As crianças revelam que sempre escutam história de seus avôs, sobre assombração e que gostam muito.*

**Ana, 7 anos** diz: *sempre que eu vou no vovô ele conta história de bichos, de curupira de visagem até da mãe d'água que vive no igarapé ou no rio, ele fala que eu não posso banhar meio-dia no igarapé porque é nessa hora que ele tá lá e pode pegar eu.*

**Figura 9-** Mãe d'água



**Fonte:** Ana, 7 anos

**Ana de 7 anos:** *Desenhei eu na beira do rio no balanço e a mãe d'água tá do outro lado do rio, eu não posso ir banhar porque ela tá lá, é nesse horário de meio-dia que ela pode me pegar.*

A Pesquisadora questiona: por que você não desenhou o rosto dela?

**Ana, 7 anos:** *porque meu avô disse que nunca dá pra ver o rosto dela, ele diz que ela é a metade peixe e metade humana e o cabelo dela é preto.*

As crianças do quilombo de Bela Aurora convivem com histórias do mundo mítico, contadas pelos seus avós e bisavós, essas histórias são passadas de geração em gerações dentro do quilombo, e a forma como são contadas são adaptadas de acordo com as características

locais. Na maioria das vezes essas histórias são contadas na chegada da noite, onde existe todo um ritual. As crianças se mostram encantadas como essas histórias. O quilombo de Bela Aurora sendo situado as margens do rio Gurupi, histórias como essa dá mãe d'água e outras que fazem parte do folclore brasileiro são fortalecidas constantemente, com isso acaba que se tornando uma característica cultural que fazem parte da identidade tanto do território como das pessoas que nele habitam.

Para Rocha (1996) a tradição do folclore é apresentada como um conjunto de fatos e elementos materiais, sociais e espirituais que as gerações têm como finalidade reproduzir e repassar para seus sucessores. Portanto, a tradição representa o presente e o passado que apresentam fenômenos ou acontecimentos no qual são reproduzidos, pois são elementos que fazem parte da construção das identidades por meio da ligação, particularidade, conexão e ancestralidade de um povo conectados através da oralidade e dos tempos. (LOPES, 2012, p. 88) “[...] a construção da identidade infantil é realizada a partir das relações com o grupo no qual as crianças estão inseridas. Porém, isso não significa dizer que as crianças apenas aprendem com o grupo, elas também ensinam e constroem novas identidades”.

Nesse sentido, Bakhtin ressalta sobre (2013) as vozes no memento que se cruzam elas trazem elementos que sociais através dos discursos, pois envolve fatores que se cruzam através das vozes do passado e do presente onde fazem seus ecos se propagarem na direção do futuro.

A socialização e a troca de saberes com o grupo étnico no qual pertencem, permite as crianças do quilombo reproduzir e reconstruir por meio da oralidade os contos míticos escutados de seus ancestrais, dessa maneira fortalecem a ligação estabelecida entre o passado e o presente, onde realizam a missão de transmitir o que sabem sobre esses elementos, além de manter essa interação como mais velhos.

#### **4.2 QUILOMBO, IDENTIDADE NEGRA E PERTENCIMENTO: DAS CRIANÇAS QUILOMBOLAS**

Os quilombos são espaços de luta, que hoje não se limita apenas pela conquista da terra, mas por um conjunto de fatores que constantemente são negados, como: saúde, educação, assistência social, valorização de sua cultura, elementos como esses possibilita uma vida digna para aqueles que com o sangue, construíram esse país.

As comunidades quilombolas são:

Grupos que passaram a contar com um reconhecimento oficial de sua cultura e identidade, porém, continuam em conflitos em relação ao direito à terra e ao território, sendo, portanto, a terra e as relações estabelecidas na construção da cultura elementos importantes para essas comunidades (SANTOS; ANDRADE, 2020, p. 66).

O território é um elemento determinante para a continuidade da cultura dos povos quilombolas, não somente da cultura, mas está ligado a subsistência ou ao sustento das famílias que habitam nesse espaço. Assim, a proteção do território possibilita a continuidade dos saberes, tradição, memórias, valores que são construídos por gerações.

Nos discursos das crianças, ao questioneei sobre *o que é quilombo?* Elas caracterizaram o quilombo como um lugar pequeno, tipo um interior, onde as pessoas eram escravizadas.

**Ana, 7 anos:** *é um lugar pequeno, tipo um interior, onde as pessoas eram escravizadas, elas tentavam fugir para não serem escravizada.*

Ana, 7 anos entende a formação do quilombo e ressalta como um lugar de refúgio para as pessoas escravizadas, cansadas de viver, assim sendo escravizadas fugiram em busca de uma vida melhor. Aurora entende o quilombo como lugar de liberdade, de resistência à opressão histórica. Para Gomes e Schwarcz (2018, p. 25) “[...] diferentemente do que se acredita, se os escravizados foram vítimas, sim, também trataram de fazer muito mais que “sobreviver”. Trouxeram, traduziram e modificaram culturas africanas [...]”.

Para Almeida (2011, p.45) afirma que o quilombo não se restringe a questão “[...] territorial apenas ou fixado em um único lugar geograficamente definido historicamente “documentado” e arqueologicamente “escavado”. Ele designa um processo de trabalho autônomo, livre do trabalho da submissão dos grandes proprietários”.

O quilombo não se restringe apenas a um espaço geográfico, é um espaço de vida, história, luta, conhecimento, o espaço da ciência e da cura, pois os escravizados cansados de viverem uma vida submissa, sofrida, uma vida de dor, encontraram no quilombo a liberdade de viver dignamente, construir suas famílias, viver, lutar e resistir.

O quilombo se apresenta nos discursos das outras crianças não só como um lugar construído por escravizados, mas como um lugar onde existe mata, pássaros, um lugar onde não tem prédio mas, tem rio, um lugar ao ar livre onde tem natureza e árvores. Neste sentido, a identidade das crianças do quilombo é expressa por meio da visão que apresentam do seu território e sua relação com a natureza, pois se mostram encantadas com os elementos naturais no qual o quilombo possui. A esse respeito afirmam:

**Ana, 7 anos:** *porque são árvores que fazem nós respirarmos, se cortarem todas as árvores não vamos poder respirar, é um lugar onde tem bastante frutas.*

**Renan, 11 anos:** *tem muita mata tem muita natureza tem rio.*

**Fernanda, 6 anos:** *não tem prédio.*  
**Mirela, 7 anos:** *tem fruta.*

É nesse contexto que as crianças veem o quilombo de Bela Aurora como uma extensão da natureza, onde relatam aquilo que já conhecem e convivem e sempre mantendo essa relação do humano e não humano. Esses elementos naturais estão presente na vida das crianças, mesmo antes do nascer e no decorrer de suas vidas esse contato com a natureza vai se intensificando e se tornando constante. Assim, a identidade das crianças do quilombo é apresentada por meio desses elementos naturais relatados no decorrer dos seus discursos, são elementos que trazem o cuidado com o território e com a natureza.

Para Petry (2015) os não humanos, são mais do que objetos ou invenções é, portanto, considerar que objetos, animais, elementos da natureza onde tem uma expressão própria, onde nessa relação não se tem algo certo, pois estudos mostram que, quando um humano encontra um não humano, existem tantas incertezas, assim como na relação entre dois humanos.

As crianças nessas relações, se sentem parte desse espaço onde dividem e se percebem como sujeitos protetores desse território, pois demonstram uma relação muito forte com outros seres que compartilham desse mesmo ambiente, percebe-se que esses elementos fazem parte de suas identidades por terem essa ligação tão próxima e continua.

Essa convivência com elementos da natureza é um algo cultural dentro do quilombo de Bela Aurora, onde as crianças se relacionam constantemente com esses elementos, pois relatam apenas o que já é familiar para elas e de sua convivência. Mello (2015) considera a análise da relação entre humanos e não humanos passa a ser verdadeira e de grande importância entre a relação natureza/cultura, uma vez que, essa conexão das crianças do quilombo com a natureza faz parte no momento que banham no rio, no momento da plantação de mudas de árvores, o contato com a terra na hora do brincar, assim como na hora de retirar uma fruta do pé de árvore. O quilombo apresentado na fala das crianças, revela um conjunto de significados, no qual apresentam o significado da palavra “quilombo”, partindo do conhecimento que tem sobre seu território e tudo que nele contém.

No momento da cotação de história questioneei: *Onde vocês moram? Vocês se consideram quilombolas e por que?* As crianças falaram que moram no quilombo de Bela Aurora e que são quilombolas, porque são negros, e porque estão se criando no quilombo. Assim revelam:

**Dário, 8 anos:** *porque nos mora aqui, cuida daqui e estamos se criando aqui.*

**Clara, 10 anos:** *porque somos negros.*

**Renan, 11 anos:** *tem muita mata tem muita natureza tem rio.*

**Marcele, 10 anos:** *não tem prédio.*

**Davi, 8 anos:** *tem fruta.*

**Ana, 7 anos:** *somos quilombolas!*

As crianças afirmam uma identidade negra e firme, pois em momento algum apresentam dúvidas sobre como devem se autodeclarar. A afirmação do “ser quilombola” pelas crianças do quilombo de Bela Aurora é algo que proporciona o fortalecimento do território futuramente, onde por meio do reconhecimento das crianças é possível pensar na continuidade das festas e festejos tradicionais, dos saberes, na preservação do território, assim como dos animais que nele habitam. O reconhecimento como crianças quilombolas e pertencentes desse território surge na convivência, nas práticas culturais, festejos, tradições e demais elementos que formam o patrimônio cultural da comunidade quilombola de Bela Aurora.

O reconhecimento de pertencimento do indivíduo diante dos valores, saberes, costumes e conteúdos característicos da realidade histórico-cultural própria e particular desse contexto, reflete em sua identidade e proporciona que ele se reconheça enquanto sujeito quilombola, pertencente a um todo maior, a cultura quilombola. (FURTADO; SUCUPIA; ALVES, 2014).

A autoatribuição do “ser quilombola” no Quilombo de Bela Aurora não se restringe somente a uma autodeclaração feita em papel, mas a todo um processo ligado a construção dos saberes, valores, práticas culturais, portanto é preciso está comprometido com a luta quilombola, reivindicar direitos e fortalecer frequentemente uma identidade de pertencimento como parte inerente desse grupo. Para as crianças o “ser quilombola” é vivenciar os momentos partilhados entre a comunidade, seja na igreja, na beira do rio, na escola e nas brincadeiras ou entre elas.

#### 4.3 SER CRIANÇA E QUILOMBOLA

O ser criança quilombola é construído nas relações socioculturais em que inventam e reinventam seus saberes, suas histórias, suas tradições, seus brincares e acabam dando novos significados nos espaços onde estão inseridos, dentro do seu território. Nele e em outros espaços sociais constroem suas identidades e dessa maneira as crianças vão se constituindo na relação e no olhar do outro. Assim, em seus discursos expressam sobre o ser criança quilombola, e apresentam variadas características, que por mais que sejam diferentes, elas se completam. Sobre a identidade da criança quilombola questioneei: *O que é ser uma criança quilombola?* Vejamos seus discursos:

**Ana, 07 anos:** *é uma criança muito alegre que cuida da natureza, cuida das árvores, cuida dos animais, cuida das frutas, que gosta muito da natureza.*

**Davi, 8 anos:** *gostar da natureza do rio!*

**Emily 9 anos:** *banhar no rio!*

**Samir, 12 anos:** *plantar muda de cacau!*

**Renan, 11 anos:** *tirar açaí!*

**Dário, 8 anos:** *é ir pescar!*

**Fernanda, 6 anos:** *brincar de bola!*

**Marcele, 10 anos:** *ir para a igreja!*

**Mirela, 7 anos:** *brincar carimbó!*

**Clara, 10 anos:** *brincar boiada (bumba meu boi)!*

Os elementos que trazem em suas falas é o brincar, pescar, brincar de bola, tirar açaí, banhar no rio, plantar muda de cupuaçu, plantar muda de cacau, beber açaí, comer manga, goiaba, ingá, abacaxi, ir para a igreja, ir para a escola, brincar o carimbó assim como a boiada.

Almeida (2020, p. 58), neste sentido afirma:

A infância é construída a partir dos elementos socioculturais que permeiam o contexto em que a criança está inserida. Então, esses elementos influenciam na formação da identidade dos sujeitos, identidade essa que está em constante processo.

O ser quilombola é expresso pelas crianças nas suas relações com a natureza, por meio de suas práticas socioculturais como os brincares, dançar o carimbó, dançar a boiada, isso representa símbolo de pertencimento que contribui para o reconhecimento e valorização da cultura quilombola pelas crianças por meio das culturas infantis.

Assim, ao pensar sobre identidade quilombola, Almeida (2020) considera que a identidade é construída constantemente, ou seja, em movimento, sendo um processo fluido, consecutivo onde sempre é influenciável pelo meio social, e pelas transformações dos processos históricos no qual fazem parte da sociedade moderna. Desse modo a construção das identidades das crianças do quilombo de Bela Aurora está atrelado ao seu modo de vida, onde reproduzem e constroem elementos de seus ancestrais, que estão presente na cultura, nos saberes, nos valores, e na importância que dão a natureza, pois o sentido para a crianças de “ser quilombola” é perpetuado por intermédio dessas ações no qual fazem parte do seu dia-a-dia dentro do território.

Almeida (2020, p. 60) a esse respeito corrobora:

As identidades formadas em muitas comunidades quilombolas atravessam as vivências de pertencimento, produzido por referências culturais, históricas e políticas particular, sendo que o território está diretamente ligado à sua essência identitária.

As crianças do quilombo, no processo de construção de suas identidades, envolvem a preservação de valores e saberes que são passados de geração em geração, desse modo, preservando a cultura presente dentro de seu quilombo. O rio representa para elas a natureza, o lugar onde tem vários seres vivos como os peixes, as cobras, jacarés, onde não se pode jogar o lixo ou cortar árvores em suas margens. Assim como o rio, nas falas das crianças revelam a proteção com a natureza.

**Fernanda, 6 anos:** *não podemos jogar lixo e nada no rio.*

**Ana, 7 anos:** *a floresta não se pode destruir, pois nela moram os passarinhos, os animais, devido a isso é preciso plantar cada vez mais mudas de árvores, porque elas ajudam na nossa respiração.*

As crianças apresentam em seus discursos, o cuidado e proteção com a natureza e entendem a importância da preservação ambiental, essa consciência da educação ambiental expressa pelas crianças do quilombo, na prática, é apresentado através de coleta de lixo reciclável, placas de conscientização ambiental feitas em parceria com a escola do quilombo D. Pedro I, alguns universitários do quilombo, e lideranças, essa parceria se consolida por meio de ações, palestras onde constantemente são feitas no centro cultural do quilombo, na beira do rio e em outros espaços.

As crianças apresentam a maneira como se autodeclaram, todos falam que são negros e quilombolas.

**Samir, 12 anos:** *sou negro da pele branca, porque minha pele é branca mais meu sangue é negro, tem gente que pensa que só é quilombola quem é negro.*

Samir afirmar sua identidade, seu pertencimento étnico independentemente da cor da pele e mostra um dos equívocos históricos, qual seja: ser quilombola é somente aquela pessoa considerada de cor negra. Para Santos (2009, p, 59) “[...] as cores das pessoas são condicionadas pelas relações sociais de que participam, que é nessa mesma concepção que jazem as categorias do preconceito. Ainda afirma: “Definir o negro pela cor da pele aponta para as relações sociais e raciais vivida no Brasil, pautadas no racismo e na discriminação racial, relações baseadas em práticas preconceituosas que tentam desqualificar o outro igual” (SANTOS, 2009, p. 58).

Cores por aqui apresentam uma forma de linguagem privilegiada, que repercute a questão cultural econômica e socialmente. Definir a cor do outro ou a sua é mais do que um gesto aleatório, o ato vincula outros marcadores fundamentais para a conformação e o jogo de identidades (SCHWARCZ, 2012, p. 88).

Santos (2009) corrobora: “A cor da pele no Brasil demonstra uma postura carregada de racismo, preconceito e discriminação racial acumulados historicamente, que adentram os diversos setores da sociedade brasileira, em especial as escolas [...]”. Assim, assumir uma identidade negra é extremamente desafiador, isso requer resistência para manifestar uma ancestralidade ligada ao processo histórico no qual cada indivíduo carrega, sobretudo em uma sociedade racista, sexista e homofóbica.

Para Silva e Nascimento (2012) foram construídos muitos estereótipos com o objetivo de encontrar nas comunidades quilombolas do presente ou nos sujeitos sociais atuais os traços intocados de africanizado do passado. Ou seja, de uma maneira geral, a sociedade sempre busca encontrar traços incontestados de tradição africana nas comunidades quilombolas do presente para legitimar sua origem, onde não levam em consideração seus costumes, tradições e modos de vida, como se todos esses elementos ficassem parados no tempo sem a necessidade de (re) construções ao longo da história que carregam e que criam.

Nos dias de hoje o quilombo de Bela Aurora sempre é visto com preconceito com relação a esses fatos de não carregarem traços idênticos de seus ancestrais africanos, isso acaba refletido na construção de muitas identidades de não se reconhecerem como quilombolas, ou pertencente a esse território. No decorrer dos anos tanto a escola do quilombo como ações promovidas por universitários que moram no quilombo de Bela Aurora e que estudam na Universidade Federal do Pará (UFPA) tentam desconstruir essa visão produzida por alguns moradores e outros, em especial com as crianças do quilombo, onde sempre existe ações, palestras e projetos que ressaltam a importância de afirmar uma identidade quilombola, como forma de fortalecimento do seu território.

Fazendo parte desse grupo de universitários e o fato de pertencer ao quilombo, afirmo que foi um grande passo construído coletivamente. Encontrar nas falas das crianças o reconhecimento do “ser quilombola” que é visto nessa pesquisa como uma conquista do quilombo, isso significa o fortalecimento de tudo aquilo que foi construído e deixado pelos nossos ancestrais, esse sem dúvidas foi o maior retorno que poderíamos dar para o quilombo.

Para Cruz (2006, p. 71):

A luta pela afirmação da identidade enquanto forma de reconhecimento social da diferença significa lutar para manter visível a especificidade do grupo, ou melhor, dizendo, aquela que o grupo toma para si, para marcar projetos e interesses distintos.

Nesse sentido, a afirmação de uma identidade possibilita não somente o reconhecimento em pertencer a um grupo, mas a consolidação de saberes, tradições, valorização do seu espaço

da sua cultura e entender a importância de cuidar, proteger, seu território para as demais gerações.

Os discursos das crianças do quilombo sobre suas origens e seu território, é surpreendente, evidenciei como elas estão envolvidas com tudo que rodeia o território quilombola. É nesse movimento que vão construindo suas identidades, compreendendo as diferenças e aceitando ser diferente. A identidade revelada pelas crianças está relacionada as vivências construídas no território quilombola, suas práticas socioculturais, seus saberes aprendidos e ensinados pelos mais velhos, significados [re]construídos nas relações entre as crianças, o território, as práticas socioculturais que construí sua identidade e seu pertencimento étnico-racial.

#### 4.4 AS CRIANÇAS E O QUILOMBO

A vivência das crianças dentro do quilombo é libertadora, pois percorrem livremente por todos os espaços e na maioria das vezes estão sozinhas ou acompanhadas e outras crianças, que pode ser irmão ou primos. Essa vivência é baseada em ir para a escola, igreja, participar das danças culturais, tradição do quilombo, ir para a pescaria com outras crianças ou com seus familiares, esses elementos fazem parte da rotina das crianças do quilombo é por meio dos desenhos que revelam suas identidades.

As crianças, como seres dinâmicos, participativos, inseridos num mundo em movimento que circunda o seu cotidiano, dão outros ou novos significados àquilo que lhes é passado, bem como são elas que mutuamente se ensinam, tornando-se as que perpetuam as culturas infantis, prioritariamente (ANDRADE. 2018, p. 148).

Nesse sentido, é no cotidiano que as crianças descobrem e criam relação com que os rodeiam, a função do desenho como uma linguagem pela qual a criança demonstra sua expressão e visão do mundo, uma ação de uma atividade imaginária, que se relaciona em um processo dinâmico, onde a criança buscar representar elementos que já conhece e compreende sobre seu universo. O desenho infantil deve ser entendido como um meio de compreensão da realidade, sem dúvidas é um instrumento inestimável para a construção de conhecimentos, pois mostra um componente resultante da imaginação e atividade criadora da criança (ALEXANDROFF, 2010).

Para Sarmiento (2007, p. 8) “[...] a compreensão dos desenhos infantis como objetos simbólicos impõe uma análise Semiológica atenta às várias dimensões do símbolo: linguísticas, culturais, sociais”. O desenho ilustrado pelas crianças representa algo que faz parte da sua

cultura que envolve a natureza, o imaginário, religiosidade, os brincares, a dança, entre outros aspectos socioculturais.

As crianças do quilombo de Bela Aurora expressam em seus desenhos elementos que fazem parte do seu universo, do seu cotidiano, coisas que estão habituadas em fazer ou participar dentro do seu território. O que você faz dentro do quilombo? Vejamos a produção das crianças quilombolas.

### **Desenho 1** - Dário no balanço da beira do rio Gurupi



**Fonte:** elaborado por Dário

**Dário, 8 anos:** *eu desenhei o rio, eu gosto de banhar no rio, esse ai é eu, no balanço na beira do rio!*

A Pesquisadora pergunta: *O que você está fazendo na beira do rio?*

**Dário, 8 anos:** *eu tô sentado olhando pro rio.*

**Desenho 1-** Clara olhando a beira do rio Gurupi



**Fonte:** Elaborado por Clara

**Clara, 10 anos:** *esse aqui é o rio, as árvores da beira do rio e o balanço, eu todos os dias vou banhar lá.*

**Desenho 3-** Beira do rio Gurupi



**Fonte:** Elaborado por Emily

**Emily, 9 anos:** *esse rio é um rio não poluído.*

A Pesquisadora questiona: *o que você faz no rio?*

**Emily, 9 anos:** *eu pesco, e banho também.*

**Desenho 4-** Beira do rio



**Fonte:** Elaborado por Renan

**Renan, 11 anos:** *aqui é a beira do nosso rio aqui, e as árvores que ficam lá.*

Na explicação das crianças sobre seus desenhos, todos relatam ter desenhado o rio Gurupi, o rio significa para as crianças além de lazer, um espaço de brincadeiras, de encontro com outras crianças, com outras pessoas, assim como um espaço onde se comemora datas importantes para o quilombo, como o Dia da Consciência Negra e Dia das Crianças, além dos encontros familiares, almoços comunitários, então a beira do rio, sem dúvidas, é uma extensão das casas das crianças, onde estão presente em todos os momentos.

A proteção com a beira do rio também faz parte da vida das crianças, pois reconhecem que esse espaço é um local onde devem preservar, proteger e cuidar. Continuar analisando.

Andrade (2019) ressalta que as práticas culturais das crianças estão diretamente relacionadas com a vivências estabelecidas com a natureza e conseguinte como espaço geográfico do seu território. As crianças por meio das suas criações por meio do desenho apresentam o espaço/território ocupado por elas, essa relação é apresentada como as vivências do seu dia-a-dia.

As crianças do quilombo de Bela Aurora possuem uma relação de pertencimento com o meio ambiente e com o espaço geográfico do seu território, sempre respeitando e demonstrando afetividade e dando a devida importância em cada elemento no qual se constitui o quilombo.

### Desenho 5- Igreja do Quilombo Bela Aurora



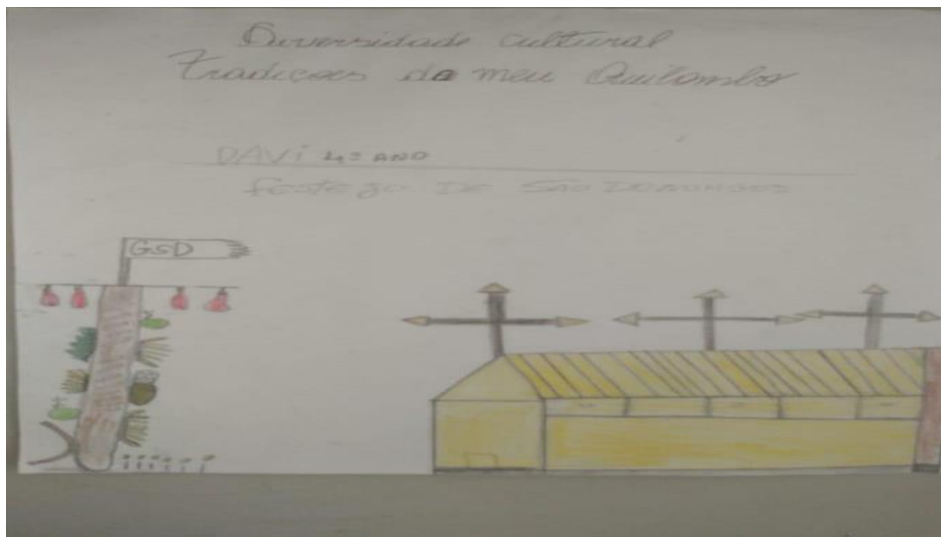
Fonte: Elaborado por Marcele

**Marcele, 10 anos:** *Essa é nossa igreja.*

Pesquisadora: *O que você faz na igreja?*

**Marcele, 10 anos:** *eu canto, rezo o terço, nosso santo é São Domingos Gusmão.*

### Desenho 2- Festejo de São Domingos Gusmão



Fonte: Elaborado por Davi

**Davi, 8 anos:** *eu fiz a igreja e nosso festejo de São Domingos Gusmão, tem o mastro com frutas.*

A Pesquisadora pergunta: *o que acontece no festejo?*

**Davi, 8 anos:** *acontece a levantação do mastro, café da manhã, as rezas.*

A religiosidade é presente na vida das crianças do quilombo, são participativas e devotas do Santo Padroeiro do quilombo São Domingos Gusmão, estão presente nas rezas, assim como conduzem os instrumentos dos cantos, na hora da leitura da missa, e na catequese. No festejo do padroeiro, acendem as velas do mastro, ajudam seus pais, avós e tios na hora de enfeitar o mastro com frutas e ramos de mato.

As Diretrizes Curriculares para a Educação Escolar Quilombola estabelecem o respeito a diversidade religiosa e ambiental. No art. 35, institui:

VI - considerar a liberdade religiosa como princípio jurídico, pedagógico e político atuando de forma a: a) superar preconceitos em relação às práticas religiosas e culturais das comunidades quilombolas, quer sejam elas religiões de matriz africana ou não; b) proibir toda e qualquer prática de proselitismo religioso nas escolas.

A liberdade religiosa é um preceito Constitucional, portanto a história e as tradições religiosas afro-brasileiras devem ser reconhecidas e valorizadas com vista a superação de práticas preconceituosas em relação a religião de matriz africana. A religiosidade afro-brasileira “[...] é uma forma consciente de resistência, coletiva e individual construída subjetivamente, mas, principalmente, coletivamente informando a cada um e a todos, nas festividades os significados contidos em cada imagem, com o um signo, construídos no subjetivo individual”. (GONÇALVEZ, 2007, p. 135).

#### **Desenho 7- Ana na Igreja de São Domingos**



**Fonte:** Elaborado por Ana

**Ana, 7 anos:** *esse desenho aqui é a nossa igreja.*

A Pesquisadora pergunta:  *você costuma ir para a igreja?*

**Ana, 7 anos:** *as vezes sim, eu gosto de ficar brincando na frente dela (Igreja).*

A Pesquisadora questiona:  *com quem você costuma brincar?*

**Ana, 7 anos:**  *com meus amigos, a gente brinca de pira pega e de correr.*

Os brincares dentro do quilombo é algo corriqueiro, sua importância para as crianças de Bela Aurora é revelada nas interações entre as crianças, onde percebi o desenvolvimento entre elas, assim como sua autonomia. Aurora revela o prazer de brincar de pira pega na interação com outras crianças.

Para Kishimoto (2010, p. 1):

O brincar é a atividade principal do dia a dia. É importante porque dá a ela o poder de tomar decisões, expressar sentimentos e valores, conhecer a si, aos outros e o mundo, de repetir ações prazerosas, de partilhar, expressar sua individualidade e identidade por meio de diferentes linguagens, de usar o corpo, os sentidos, os movimentos, de solucionar problemas e criar.

A maneira como as crianças se relacionam nas brincadeiras, seja ela qual for, é sempre conduzida com muita alegria e parceria entre elas, onde harmoniosamente as crianças, compartilham, e tomam decisões entre elas, dessa maneira vão construindo suas identidades.

### **Desenho 8-** Escola do Quilombo Bela Aurora



**Fonte:** Elaborado por Samir

**Samir, 12 anos:** *Essa aqui é nossa escola, agora ela tá sendo reformada.*

O desenho 8 apresentado por Samir é a escola do quilombo, onde a maioria das crianças estudam ou já estudaram. Na sua fala ele diz que a escola está passando por uma reforma. A escola sendo um espaço que todos frequentam é relevante destacar o papel importante que ela tem para as crianças, pois é um espaço também de encontros entre elas.

### Desenho 9-Dança do Carimbó



**Fonte:** Elaborado por Mirela

**Mirela, 7 anos:** *eu desenhei a dança do carimbó.*

A Pesquisadora pergunta: *o que tem a dança d carimbó?*

**Mirela, 7 anos:** *é a dança que as meninas fazem, e até eu danço aqui, eu fiz o boi também na saia.*

A Pesquisadora indaga: *por que você fez o boi na saia?*

**Mirela, 7 anos:** *porque tem o desenho na saia que as meninas dançam.*

O desenho 9 apresenta a dança do carimbó que representa para as crianças um momento de diversão, assim como de responsabilidade, pois sempre buscam apresentar da melhor forma, geralmente nas datas comemorativas do quilombo. O carimbó no quilombo de Bela Aurora é repassado de geração em geração onde geralmente as mães são responsáveis em repassar para seus filhos, a representação da dança. “O carimbó, como expressão artístico-cultural de práticas sociais, linguagens e saberes, constitui também expressão de identidade e singularidade cultural

na Amazônia” (ANDRADE; SANTOS, 2021, p. 107). As crianças veem o carimbó não somente como uma dança divertida, mas, como algo que deve ser aprendido e propagado pois sabem que a dança faz parte da sua cultura e que a mesma precisa ser repassada para as futuras gerações.

### Desenho 10- Boiada



**Fonte:** Elaborado por Fernanda

**Fernanda, 7 anos:** *eu fiz o nosso boi, o tambor e também tem o meu avô.*

A Pesquisador pergunta: *o que seu avô está fazendo?*

**Fernanda, 7 anos:** *ele tá batendo tambor pro boi dançar.*

A Pesquisador, ainda questiona: *Que cor é esse boi?*

**Fernanda, 7 anos:** *cor vermelha e cheia de brilho, porque o boi tem brilho.*

No desenho 10 a criança expressa a tradição da boiada, essa dança é algo que faz parte da identidade do quilombo, pois é algo celebrado há décadas e envolve todos os moradores da comunidade, entre crianças, adultos, idosos, homens e mulheres. A dança envolve um boi feito de tala de buriti no qual é enfeitado, um vaqueiro, uma burrinha e cantores de toada, além de instrumentos como, tambores e matracas. Os brincantes sempre bem caracterizados com roupas e chapéu cheios de fitas coloridas.

Os desenhos apresentam todos os detalhes possíveis das características das práticas culturais. Essa tradição é celebrada o quilombo a décadas, sempre no mês de junho e hoje, as

crianças participam junto com seus familiares, pois é um momento significativo e importante para o quilombo onde as crianças aceitam, se identificam e se sentem parte construtora desse patrimônio cultural do quilombo.

Para Andrade e Santos (2021, p. 101): “Nesse contexto, que as crianças se fazem presentes construindo suas culturas infantis, tendo a ludicidade por meio dos jogos, brinquedos, brincadeiras, antigas e danças como sua melhor forma de expressão”. É dessa maneira que suas identidades vão sendo construídas e reinventadas constantemente.

As crianças aprendem a importância das práticas culturais no qual o quilombo de Bela Aurora carrega no convívio com outras pessoas. Nas festas tradicionais do quilombo as crianças estão sempre presentes, seja vendo ou participando, elas sempre estão no meio dos adultos, acompanhando seus familiares nas tradições que o quilombo carrega, onde acompanham suas mães, tias, irmão nos preparativos dos festejos, seja na hora de costurar a saia do carimbó, seja na hora de ornamentar o espaço cultural, na hora de enfeitar o boi para dançar a boiada e entre outros elementos.

Sendo assim, as ações das crianças do quilombo são entendidas como componentes atrelado a sua identidade, onde sua participação nesses espaços são fatores relevante para a definição da sua cultura.

Para Sarmento (2011) se concretiza por meio da realização de ações que fazem parte da rotina onde, [...] esse compartilhamento de tempos, ações, representações e emoções é essencial e necessário para um mais perfeito entendimento do mundo e faz parte do processo de crescimento.

A cultura partilhada entre as pessoas permite as crianças do quilombo apropriar, reinventar e reproduzir o mundo que os rodeiam. As crianças no quilombo de Bela Aurora estão ligadas diretamente as práticas culturais do quilombo, participam e reinventam. Para Andrade isso apresenta os “saberes culturais primorosos, ricos em detalhes” (ANDRADE, 2019, p. 104).

A participação das crianças é fundamental nas rotinas culturais, e acaba se tornando um componente fundamental na função interpretativa e representativa no contexto em que estão inseridas, pois é por meio das crianças e das futuras gerações que o quilombo tem a responsabilidade de manter fortalecidas suas tradições. Para Lopes (2012, p. 88):

[...] as identidades infantis se constroem pelos conjuntos de características, experiência sociais e culturais vivenciadas e construídas pelas crianças, podendo apontar perspectivas para entender a realidade observada não na ótica do adulto, mas sim, a partir da própria criança.

As crianças do quilombo de Bela Aurora de forma singular expressam através dos seus comportamentos sua subjetividade em construir seus próprios saberes, onde aprender e dão novos significados em tudo é repassado por meio dos seus ancestrais, partindo da sua própria visão, sobre o mundo e de tudo que está em sua volta, portanto, as crianças do quilombo são as verdadeiras produtoras de cultura.

Pois é por meio de suas rotinas que encontram maneira de construir e reinventar elementos culturais, no qual o quilombo carrega.

Considerado as rotinas habituais como incontestável e comum na vida das crianças, essas rotinas sem dúvidas fornecem a todos os sujeitos sociais a segurança e a compreensão de pertencerem a um grupo social (CORSARO 2011). É na rotina que as crianças encontro a segurança de pertencer ao um grupo étnico, onde compactuam com seus saberes, valores e cresças.

As crianças do Quilombo de Bela Aurora por meio de suas enunciações discursivas afirmam pertencer ao seu grupo étnico além de afirmarem suas identidades, suas tradições mostram a resistência para reconhecer e valorizar sua cultura. Para as crianças o “ser quilombola” felizmente não surge de maneira tardia, pois reconhecem a sua importância de ser quilombola, como símbolo de resistência.

O quilombo de Bela Aurora na visão das crianças é um lugar de tranquilidade, espaço de vida, liberdade, lutas e resistências, onde reinventam esse espaço e mantem com a ajuda dos mais velhos tudo aquilo que foi deixado pelos seus ancestrais. Assim, se identificam como quilombolas e carregam a responsabilidade de representar um legado construído por meio de lutas e resistências.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os resultados da presente pesquisa mostram como as crianças do quilombo de Bela Aurora constroem suas identidades dentro do seu território, considerando que as relações estabelecidas entre as crianças e o seu território se dar por meio da natureza, cultura e de seus ancestrais. Conseqüentemente, as identidades das crianças não se formam através da individualidade.

As crianças constroem e afirmam sua identidade enquanto crianças quilombolas, nessa construção revelam outras identidades, como a de gênero onde as crianças definem o que é de menina e o que é de menino, essa definição em sua maioria é construída primeiramente no contexto familiar das crianças e posteriormente nas instituições como escola ou igreja, fruto de uma sociedade patriarcal.

O território na concepção das crianças do quilombo de Bela Aurora é um lugar de liberdade, onde podem viver tranquilamente, sempre fazendo o que sente vontade, seja pescar, andar de canoa, brincar de bola, ou brincar de várias outras brincadeiras na beira do rio, pois a beira do rio Gurupi é o local que frequentemente as crianças se encontram com outras crianças do quilombo. As crianças do quilombo no processo de construção de suas identidades,

envolvem a preservação de valores e saberes que são passados de geração em geração, desse modo, preservando a cultura os saberes presentes dentro do seu quilombo.

Diante disso concluir que a relação entre os mais velhos, natureza e sua cultura que as crianças do quilombo de Bela Aurora constroem suas identidades, pois se sabe que a construção das identidades é formada por meio das relações interpessoais. A identidade, portanto, não se constrói no isolamento, ou seja, precisa de interação entre os meios sociais e culturais, outro fator relevante no qual a pesquisa evidencia e indica que a identidade não é estável, sempre está em constante transformação.

Os elementos naturais que o quilombo possui são determinantes na construção das identidades das crianças, um deles é o rio Gurupi, que dispõe de ações no qual as crianças efetuam como: andar de canoa, pescar, olhar malhadeira, banhar, essas ações ganham intensidade no período do inverno, conseqüentemente esses elementos fazem parte da construção das identidades das crianças do quilombo, pois é por meio desses fatores que conseguem expressar e ressignificar as práticas culturais que fazem parte do quilombo, sendo assim, o rio Gurupi é um elemento fundamental pois se torna basicamente a extensão da casa das criança.

Esse reconhecimento do “ser quilombola” possibilita também o fortalecimento de um povo, neste sentido, a afirmação de uma identidade possibilita não somente o reconhecimento em pertencer a um determinado grupo étnico, mas a consolidação de saberes, tradições, valorização do seu espaço da sua cultura e entender a importância de preservar, cuidar, proteger, seu território para as demais gerações.

As crianças compreendem suas origens e sabem a importância de proteger o seu território, com isso vão se construindo se e reinventando de acordo com as especificidades dos saberes que carregam. A compreensão e a afirmação de uma identidade étnica permitiu o fortalecimento e a continuidade de todos os saberes culturais deixando pelos ancestrais do

quilombo, que por meio da luta e resistência conseguiram deixar um legado cultural que estão relacionados as festividades, as danças, assim como a oralidade. As crianças do quilombo são determinantes, pois, é partir delas que as tradições do quilombo são efetuadas e repassadas.

### REFERÊNCIAS

- ARIÈS, P. **História Social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Quilombolas e novas etnias**. Manaus: UEA Edições, 2011.
- ALMEIDA, Sheilla Zillane Souza. Infância quilombola: aspectos indenitários na prática educativa. **Revista do Coletivo Seconba**, v. 4, n. 1, p. 58-78, set. 2020.
- ANDRADE, Simei Santos. A INFÂNCIA DA AMAZÔNIA MARAJOARA: práticas culturais no cotidiano das crianças ribeirinhas. Curitiba: CRV, 2019. 300 p.
- ANDRADE, Simei Santos. A infância da Amazônia Marajoara: sentidos e significados das práticas culturais no cotidiano das crianças ribeirinhas da Vila do Piriá – Currealinho/PA. 2018. 571f. Tese (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.
- ALEXANDROFF, Marlene Coelho. Construção Psicopedagógica. [Periódicos eletrônicos em psicologia](http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cp/v18n17/v18n17a03.pdf). São Paulo -SP, 2010, Vol. 18, n.17, p. 20-41. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cp/v18n17/v18n17a03.pdf>.
- ARENHART, Deise. **Culturais infantis e desigualdade sociais**. Petrópolis: Vozes, 2016.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**, Rio de Janeiro: Ed. Forcnse Universitária, 1981. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/311331/mod\\_resource/content/1/PROBLEMAS%20DA%20POETICA%20DE%20DOSTOIEVSKI.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/311331/mod_resource/content/1/PROBLEMAS%20DA%20POETICA%20DE%20DOSTOIEVSKI.pdf)
- BAKHTIN, m. **Os gêneros do discurso**. in: bakhtin, m. estética da criação verbal. São Paulo: martins fontes, 2003. p.261-306

BRASIL, Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. **Programa Brasil Quilombola**. ed. Abaré: BRASÍLIA, DF. 2004.

DEL PIORE, Mary (ORG.). **História das crianças no Brasil**. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

\_\_\_\_\_. Ministério da **Educação**. CNE/CEB. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília. 1999.

\_\_\_\_\_. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 23 dez. 1996, Seção 1, p. 27833.

\_\_\_\_\_. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8069.htm#art266](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266)>. Acesso em: 16 dez. 2018.

\_\_\_\_\_. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Diário Oficial da União, Brasília, 22 de junho de 2004, Seção 1, p. 11.

\_\_\_\_\_. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfica, 1988. Brasília-DF, 2014. Acesso em 06 de Dezembro de 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/7m7spDq5Xm6vNYFqmh89X7g/?format=pdf&lang=pt>.

CORSARO, William. **Sociologia da infância**. Tradução de Lia Gabriele Regius Reis. Porto alegre: Artmed, 2011. Disponível em: <https://ilide.info/doc-viewer>.

CORSARO, William A. Sociologia da infância. Porto Alegre: Artmed, 2011

CORSARO, Willian. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: Armed, 2011.

CASTELLS, Manuel. **O poder da Identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

CRUZ, Valter do Carmo. R-existências, territorialidades e identidades na Amazônia. **Revista Terra livre**. n. 26 (1): 63-89, 2006.

FURTADO, M, B., Sucupira, R, L., & Alves, C. B. Cultura e Identidade e subjetividade quilombola: uma leitura partir da psicologia cultural. *Psicologia e sociologia*, p. 106-115.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3ª ed. São Paulo: Artmed editora, 2010.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Teoria e práxis e o antagonismo entre a formação politécnica e as relações sociais capitalistas. **Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 7, suplemento, p. 67-82, 2009. Disponível em <https://www.scielo.br/j/tes/a/zQ8Gc4nzcz3y5kSfcxqdRZk/?lang=pt&format=pdf> . Acesso em 08 de jan. de 2022.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. **Educação Antirracista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03**. Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005. P. 39 - 62.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. RJ: LTC, 2008.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Liber Livro Editora, 2005. (Série pesquisa).

GUSMÃO, Neusa M.M. de. Por uma Antropologia da Educação no Brasil. **Pró- Posições**, Campinas: SP v. 21, nº 2, p. 259- 265, 2010.

GUSMÃO, Neusa M.M. de. Um olhar viajante: Criança e aprendizado. **Pró- posições**, Campinas: SP v. 23 n ° 2 (68), p. 171-178, maio/agos. 2012.

GOBBI, Marcia. Desenhos e fotografias: marcas sociais de infância. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 43, p. 135-147, jan. /mar. 2012. Editora UFPR.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e identidade negra**. Aletria 2002. d'ADESKY. Racismos e antirracismos no Brasil, p. 76. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/17912/14702> . Acesso em: 07 de jan. 2022.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão**. Açãoeducativa.org.br, 2012. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2017/03/Alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf>

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 eds. Rio de Janeiro: P&A, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HIRSCHAUER, Stefan. Die Soziale Fortpflanzung der Zweigeschlechtlichkeit. Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie. HJ, 46, Heft, 4, S. 668-692, 1994.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Brinquedos e brincadeiras na educação infantil1. **Anais Do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento**. Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2010.

LINHARES, Juliana Magalhães. **História social da infância**. 1ª ed. Sobral, 2016.

LOPES, Adrea Simone Canto. **A construção da identidade da infância na Amazônia ribeirinha:** Ilha de Cotijuba Belém-Pará. 2012.209f. |Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

LÓPEZ, G. L. O método etnográfico como um paradigma científico e sua aplicação na pesquisa. **Textura**, Canoas n. 1, 2º semestre de 1999, p. 45-50.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogia contemporânea. **Pro-Posições**, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/fZwcZDzPFNctPLxjzSgYvVC/?format=pdf&lang=pt>

MINAYO, Maria Cecília de Sousa. **Pesquisa Social:** Teoria, método/criatividade. 21ª Ed. Petrópolis, RJ: vozes 2002.

MELLO, Rosimery Medeiros de. **Sobre a complexa relação entre humanos e não humanos:** reflexões antropológicas sobre desdobramentos possíveis entre medicina humana e medicina veterinária, 2015.

NUNES, Davi. **Bucala:** a Pequena Princesa do Quilombo Cabula. Ed. Melê. p.32. 2019.

PETRY, Alila Floriani, Humanos e Não Humanos na Antropologia v. 17, n. 2, p. 13-29, ago./dez. 2015. **Revista Ilha.**

ROCHA, Tião. **Folclore Roteiro e Pesquisa.** Belo Horizonte/ MG. 1996.

SILVA, Tatiana Dias. **Educação escolar quilombola no censo da educação básica. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.** Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td\\_2081.pdf](https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_2081.pdf) Lei n. 9.394/96. Acessado em 13/07/2021.

SANTOS, Raquel Amorim dos; SILVA, Rosângela Maria de Nazaré Barbosa e. Racismo científico no Brasil: um retrato *racial* do Brasil pós-escravatura. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 68, p. 253-268, mar. /abr. 2018.

SANTOS, Raquel Amorim dos. **[IN] VISIBILIDADE NEGRA:** representação social de professoras acerca das relações raciais no currículo escolar do Ensino Fundamental em Ananindeua (PA). 2009. 182. Dissertação, Mestrado em Educação, Instituto de Ciência da Educação, Programa de Pós-graduação em Educação Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.

SANTOS, Raquel Amorim; ANDRADE Simeia Santos. Relações étnico-raciais e quilombos: dos conhecimentos socioculturais aos currículo da educação escolar quilombola na Amazônia paraense. **Nova Revista Amazônica** - volume viii - Nº 02 - setembro 2020- ISSN: 2318-1346

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Conhecer a infância:** Os desenhos das crianças como produções simbólicas. 2007. Disponível em : <https://docplayer.com.br/124181146-Conhecer->

[a-infancia-os-desenhos-das-criancas-como-producoes-simbolicas.html](#)>. Acesso em: 07 dez. 2021.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª Modernidade**. 2011. Disponível em: <http://peadrecuperacao.pbworks.com/w/file/etch/104617678/Texto%20Aula%2011%20-%20Sarmiento.pdf>>. Acesso em: 07 dez. 2021.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identities e diferença: a perspectiva dos estudos culturais/ Tomaz Tadeu da Silva (org.)** Stuart Hall, Kathryn Woodward. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SILVA, Simone Rezende. NASCIMENTO, Lisangela Kati do. **Negros e territórios quilombolas no Brasil**. 2012. Disponível em : <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/cedem/article/view/2339/1962> . Acesso em: 12 jan. 2022.

SOUSA, Naira Gomes; SOUZA, Ana Paula Vieira; COSTA, Norma Cristina Vieira. O Brincar e as relações de gênero entre meninas e meninos na Educação Infantil desvelados pela linguagem fotográfica. **Nova Revista Amazônica** – Volume VI – Número 3 – Setembro 2018 - ISSN: 23181346.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira** — 1ª- ed. — São Paulo : Claro Enigma, 2012.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições, e questão racial no Brasil 1870-1931**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARCZ, L. M. & GOMES, F. (Org.). **Dicionário da escravidão e liberdade**. SP: CIA das Letras, 2018.

## APÊDICES



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CAPANEMA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAGED

### APÊNDICE I

#### ROTEIRO DAS CONVERSAS INFORMAIS

##### Parte I: Identificação da criança quilombola

Nome: \_\_\_\_\_

Sexo: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_ Ano escolar: \_\_\_\_\_

#### BIBLIOGRAFIA

Não há fontes bibliográficas no documento atual.

##### Parte II: Identidade das Infâncias Quilombolas

01 - O que é um Quilombo?

02 - Você gosta de morar no Quilombo? Por quê?

03 – Você é Quilombola?

04 – Qual a sua cor?

05 – Quais as brincadeiras que você e seus amigos brincam?

06- Desenhe o que você como é seu dia a dia no quilombo.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CAPANEMA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FACED

**APÊNDICE II**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

A pesquisa intitulada: **IDENTIDADE DAS CRIANÇAS QUILOMBOLAS NA COMUNIDADE DE BELA AURORA NO NORDESTE DO PARÁ**, refere-se ao Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia, da discente **Damaris da Silva Matos**, realizada sob a Orientação da Prof. Dr.<sup>a</sup> Raquel Amorim dos Santos. Constitui finalidade desta pesquisa analisar as identidades atribuídas pelas crianças quilombolas de Bela Aurora. Nesse sentido, pedimos sua autorização para participar desta pesquisa a partir de conversas informais realizadas na escola ou na comunidade, com o intuito de identificar os discursos das crianças sobre a *identidade das crianças no quilombola da comunidade de Bela Aurora-PA*.

A qualquer momento você pode desautorizar os pesquisadores de fazer uso das informações utilizadas. Não há despesas pessoais para você em qualquer fase do estudo. Este trabalho será realizado com recursos próprios dos autores, não haverá nenhum pagamento por sua participação.

Garantimos a confidencialidade das informações e solicitamos o uso de informações previamente autorizadas, a saber: registros fotográficos, caso seja necessário, informações pessoais para diagnósticos de perfil das crianças e recortes de respostas presentes nas conversas informais. Vale ressaltar que se for de sua preferência, utilizaremos codinomes para garantir seu anonimato.

Declaro que compreendi as informações que li ou que me foram explicadas sobre os propósitos da pesquisa, os procedimentos a serem realizados, as garantias de confidencialidade e de esclarecimento permanentes. Concordo que o meu filho (a) participe voluntariamente desse estudo podendo retirar meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades, prejuízo ou perda de qualquer benefício que possa ter adquirido.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de 2021.

---

**Assinatura do participante**